RG: 5896 RB: 2428

VMSP
50,00
55,00

Rosana Ap. Jamil
13/6/88

DO POTREIRO A UVARANAS

– SUA GENTE E SUA HISTÓRIA –

PONTA GROSSA

1986

DO POTREIRO A UVARANAS

— SUA GENTE E SUA HISTÓRIA —

Trabalho realizado por:

Cirlei de Paula Miléo, Maria José Bastos Martins, Maria Luiza Del Gragnano Stasiak.

Escrito por:
Cirlei de Paula Miléo e Maria José Bastos Martins.

CAPA: INPAG
ILUSTRAÇÃO: Autores
REVISÃO FINAL: Kazuko Inoue

AGRADECIMENTOS

Em especial, à Profª Kazuko Inoue, pelo incentivo.

Ao Prof. Nilton Sérgio Salles Rosa, incansável batalhador para que esta obra fosse realizada.

Ao Dr. Sebastião Bastos, que gentilmente colaborou para o enriquecimento das narrativas e "causos" aqui transcritos.

Às famílias visitadas que tão gentilmente nos cederam preciosas informações sobre o Bairro de Uvaranas.

Às alunas do Curso de Magistério que, com tanto entusiasmo, realizaram as pesquisas.

Ao Dr. Élcio Von Borell du Vernay sem cujo apoio este livro não teria sido possível publicar.

ERRATA

PÁG.	LINHA	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
09	09	Colonia	Colônia
09	12	Sargento-Mor, Benedito	Sargento-Mor Benedito
12	05	frente em	frente, em
12	07	início, pelas	início pelas
12	21	preferência	preferências
14	31	este conjunto	estes conjuntos
15	17	10, 4	dez, quatro
16	07	40	quarenta
16	17		* parágrafo
17	09		* parágrafo
17	12		* parágrafo
18	28	onde	que
19	01	pastavam	pastava
20	17	no Porto	ao Porto
21	16	11	onze
25	14		* continua na linha 13
27	25	vinhas	vinhos
29	09	não lembra	não se lembra
31	21	parte	parto
31	26	a	à
35	14	,	;
37	01	;	* elimine-se a vírgula
39	04	a	da
47	04	paravam	parava
51	01	religioso	religioso;
53	03	,	(ponto)
53	04	assim	Assim * parágrafo
64	22	anos de	anos, de
69	01	Vovózinhas	Vovozinhas
69	16	compexidade	complexidade
83	05	Conchaiu	concluiu
85	03	Concluiu	concluiu

ÍNDICE

1. Apresentação 06
2. Histórico do Bairro de Uvaranas 09
3. Imigrações no Bairro 10
4. Antigas Chácaras 13
5. Famílias Pioneiras 16
7. Cotidiano 24
8. Tipos Folclóricos 27
9. Narrativas Populares 35
10. Localização do Bairro 54
11. Entidades 57
12. Colégio Estadual "Prof. João Ricardo Von Borell du Vernay" 75
13. Patrono do Colégio 81
14. Biografia das autoras 83

APRESENTAÇÃO

Ao escrevermos sobre costumes, tradição, fatos históricos do Bairro de Uvaranas, tivemos como único objetivo legar às gerações futuras, um pouco da memória de uma cidade importante como a Princesa dos Campos, onde nosso bairro tem seu lugar, como membro ativo e participativo. É a herança de ontem, é a realidade de hoje, e que será reminiscências amanhã. É a memória do nosso bairro, é a alma do nosso povo, pois, segundo Sófocles, dramaturgo grego, "há muitas maravilhas do mundo, mas nada mais maravilhoso do que o Homem."

DO POTREIRO A UVARANAS – SUA GENTE E SUA HISTÓRIA – *representa, sem dúvida alguma, o resultado do esforço e do idealismo das Professoras Cirlei de Paula Miléo, Maria José Bastos Martins e Maria Luiza Del Gragnano Staziak.*

Juntamente com nossas alunas do Curso de Magistério, procurando meios mais objetivos de humanizar nosso Ensino, colocando a Escola a serviço da integração e da promoção da comunidade na qual está inserida, realizaram um levantamento estatístico, sociológico e histórico. Muitos dados são simples narrativas que a tradição nos legou, outros são documentos fornecidos pelas entidades entrevistadas, ou ainda, colaborações de pessoas que acreditaram neste trabalho.

A cada visita às favelas, vilas, escolas, entidades, a cada entrevista ou reunião com antigos moradores do Bairro, o refluir de todo um passado, a saga de homens e mulheres simples, oriundos dos mais diversos rincões, que aqui chegaram para povoar a região das varanas e, com muita fé, trabalho e esperanças, escreveram a sua história.

Com a publicação deste trabalho, a comunidade escolar do Colégio Estadual "Prof. João Ricardo Von Borell du Vernay" – Ensino de 1º e 2º Graus – pretende prestar a sua contribuição, embora modesta, para servir como material de apoio a professores e educandos, bem como um meio de preservar a memória de todos aqueles que tornaram nosso Bairro, nossa Escola, mais nossos, pois um povo sem memória fatalmente perderá a sua identidade cultural.

Kazuko Inoue

MEU BAIRRO "UVARANAS"

Da planta teve origem
Da gente estrangeira, de árido solo,
Da varana em quantidade,
Dos parreirais semeados.

Italianos, poloneses e alemães,
Na faina de progresso,
Numa festa furta-cor,
Com moinho e magia,
Melancolia, vinho e cerveja,
Fizeram do Potreiro, sua morada.

Deixaram raízes plantadas . . .
Elas brotaram, cresceram e se misturaram
Neste folclore simplório,
Que faz refluir os teus ideais.

(Maria José Bastos Martins)

UVARANAS

Nome originado de um planta nativa existente há tempos, em grande escala na região. O nome científico da planta é CORDYLINE – dracaenoides, da família liliaceae; o nome comum é Varana – Uvarana, ou mesmo, Tuvarana. Como o bairro, por muitos anos, foi local de chácaras, fazendas, onde a população diminuta, aqui existente, dedicava-se à plantação de uvas, alguns antigos moradores afirmam que a origem do nome deve-se à conjugação de uva mais varana.

Mas, preferimos ficar com a primeira hipótese, para a origem do nome daquele que por muitos anos foi chamado de "bairro das Varanas" ou "Colonia Uvaranas".

HERDEIRAS DO POTREIRO

O primeiro morador de que se tem notícia, e que por muitos anos residiu onde hoje está localizado o bairro de Uvaranas, é o Sargento-Mor, Benedito Mariano Ribas, que era casado com dona Maria Ferreira do Sacramento. Faleceu em 1842 e fez seu testamento em 1839, na Freguesia de Ponta Grossa. Eram filhos do casal, Benedito, Francisco, Manoel, Maria, Mariana, Delfina, Bárbara, Ana, Luiza, Manoela e Clementina.

O Sargento-Mor, que era nascido na Capela de Tamanduá, município da Vila de Curitiba, pelo que consta em seu Testamento, havia determinado para que fosse sepultado na Capela de sua Fazenda do Pitangui, hoje propriedade do Senhor Nestor Nadal Carraro.

Constava do Testamento do Sargento-Mor a determinação expressa de que as três filhas: Luiza, Manoela e Clementina, que eram solteiras, receberiam o imóvel chamado de "Potreiro das Uvaranas", e que não poderiam vender para estranhos o aludido imóvel; era sim, para ficar entre os seus irmãos ou sobrinhos. Mas, com o tempo, apagaram-se as "condições proibitivas", surgindo diversas chácaras.

IMIGRAÇÃO NO BAIRRO

Os Italianos

O bairro de Uvaranas recebeu imigrantes italianos, poloneses e alemães. Os italianos tiveram predominância e muito contribuíram para o desenvolvimento do bairro.

O passaporte do Patriarca Jacob Nadal data do ano de 1879, o que marca o início da colonização italiana.

Os antigos moradores, por tradição, tinham o costume de morar juntos, formando o clã. O casal, em geral, tinha muitos filhos, os quais, com o decorrer dos anos, formavam a sua própria família e ficavam morando e trabalhando com o "Patriarca", que centralizava o poder. Os filhos, mesmo adultos e casados, dependiam inteiramente do pai em termos financeiros, bem como nas decisões na vida particular. Os filhos, desde pequenos, trabalhavam com o pai na agricultura, pecuária e leiteria.

Quando os grandes casarões não comportavam mais tantas pessoas, os filhos, geralmente os mais velhos, saíam e construíam as suas casas.

Aos domingos, toda a família se reunia e iam à Igreja; participavam das festas, jogavam boccia, baralho e malha.

Nunca faltava a comida típica italiana: macarronada, frango, polenta, nhoque, panada, pestarelli (polenta mole, para comer com leite), ravioli. A principal bebida era o vinho, e para as crianças o vinho fraco ou licor (vinho picoli).

O vestuário era feito por uma das mulheres da família. O Patriarca comprava uma peça de tecido, e eram feitas roupas para todas as crianças, do mesmo modelo e do mesmo tecido. As mulheres usavam vestidos compridos. Os homens usavam calças de tecido grosso, camisa, paletó e botinas.

IN NOME DI SUA MAESTÀ

UMBERTO I.

PER GRAZIA DI DIO E PER VOLONTÀ DELLA NAZIONE

RE D'ITALIA

Il Ministro per gli Affari Esteri prega le Autorità Civili e Militari di Sua Maestà e delle Potenze amiche ed alleate di lasciar liberamente passare Nadal Giacomo fu Domenico che va in America con la moglie Capon Angela di anni 31 e figli Paolo di anni 5, Vanto di anni 3, Maria di anni 3 e Giovanni nato nel 1879

Il presente ~~Passaporto rilasciato a conoscimento~~ il 29 Ottobre millecottocentosettantanove 1879 dietro nella Cassa del Vicario di San Giorgio è valido per un anno.

Per delegazione del Ministro per gli Affari Esteri
Il Commissario Diff.

PASSAPORTE DO SR. JACOB NADAL – 1879

Os Poloneses

A imigração polonesa trouxe um novo colorido à vida do bairro de Uvaranas. Dedicavam-se à agricultura e pecuária.

Os poloneses, católicos fervorosos, participavam das festas religiosas. Era costume entre eles, nas festas de casamento, os noivos virem na frente em carroça enfeitada de galhos verdes e papéis coloridos e peitos de tucano enfeitando os cavalos. Atrás, vinha o cortejo dos convidados, soltando foguetes e tocando sanfona. Depois do casamento religioso, a festa tinha início, pelas comizainas típicas. À meia-noite, a noiva cortava broa e dava um pedaço para cada convidado, que em troca dava dinheiro, assim como para dançar com ela. A festa prolongava-se por três dias.

Entre os pratos preferidos dos poloneses, citamos: sopa azeda, pirogue, repolho e pepino azedo, batata doce, pão preto (broa), vinho, pinga, cuque, sardela, mel e cerveja feita em casa.

O vestuário era simples: as mulheres usavam vestidos compridos, rodados e estampados, quase sempre amarravam um lenço à cabeça. Os homens usavam camisas xadrez, bombachas e botas.

Foram os poloneses os introdutores do uso da carroça no Paraná e, conseqüentemente, em Uvaranas.

Os Alemães

Dedicavam-se à plantação de milho, mandioca, verduras em quantidades para uso doméstico.Tinham como preferência alimentares: pão de centeio, cuque, bolo que polvilho, carne de porco, panqueca (feita de batata rala da crua), chucrute, charuto, strudell.

No trabalho usavam roupa de brim grosso, geralmente camisa xadrez, calça com suspensório.

As festas eram regadas à cerveja feita em casa e licor de frutas, e muita dança típica alemã.

ANTIGAS CHÁCARAS

Por volta de 1900, o Bairro de Uvaranas era conhecido como Colônia Uvaranas como comprova a fotocópia da Lei nº 110 de 27 de julho de 1894, a qual fez pertencer à Câmara Municipal de Ponta Grossa, os terrenos onde estão situadas as Colônias de Pellado, UVARANAS e Neves. A Colônia foi dividida em chácaras, respeitando lotes ocupados e os utilizados pelo Prado de corridas, assim como a divida dos colonos estabelecidos nas mencionadas colonias.

— 27 —

LEI Nº 110 — de 27 de Julho de 1894.

Faz pertencer ao patrimonio da Camara Municipal de Ponta Grossa os terrenos onde estão situadas as colonias do Pellado, Uvaranas e Neves

O Congresso Legislativo do Estado do Paraná decretou e eu sanccionou a lei seguinte:

Art. 1º — Ficam pertencendo ao patrimonio da Camara Municipal de Ponta Grossa os terrenos onde estão situadas as colonias do Pellado, Uvaranas e Neves, respeitados os lotes occupados e os utilisados pelo prado de corridas.

Art. 2º — Fica pertencendo tambem á referida Camara a divida dos colonos estabelecidos nas mencionadas colonias.

Art. 3º — Ficam revogadas as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e a execução d'esta lei pertencerem, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contem.

O Secretario de Estado dos Negocios de Obras Publicas e Colonisação a faça imprimir, publicar e correr.

Palacio do Governo do Estado do Paraná, em 27 de Julho de 1894, 6º da Republica.

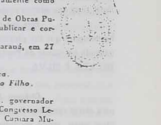
(L. S.)

Francisco Xavier da Silva.

João Baptista da Costa Carvalho Filho.

Carta de lei pela qual o cidadão dr. governador do Estado manda executar o decreto do Congresso Legislativo, pelo qual ficam pertencendo á Camara Municipal de Ponta Grossa os terrenos onde estão situadas as colonias do Pellado, Uvaranas e Neves, respeitando-se os lotes occupados e os utilisados pelo prado de corridas, assim como a divida dos colonos estabelecidos nas mencionadas colonias.

Francisco Cezar Espinola Junior a fez.



ARQUIVO PÚBLICO

LEI Nº 110 - INCLUSÃO DE UVARANAS AO PATRIMÔNIO DE PONTA GROSSA

As chácaras foram divididas em lotes que formaram as vilas. A mais antiga chácara de Uvaranas é a CHÁCARA DOS NEVES, de propriedade de um francês chamado News, mas que o povo deturpou, ficando conhecido por Neves. Nesta chácara, eram cultivadas uvas, árvores frutíferas e plantações diversas. A referida chácara foi vendida para Jacob Nadal, o Patriarca da família Nadal.

Atualmente, no local, existe o Jardim Conceição, que a partir do Decreto nº 322/84 de 17 de dezembro de 1984, passou a fazer parte do Bairro dos Neves.

Chácara BECKER Y SILVA – de propriedade de João Rodrigues Becker Y Silva, que nasceu na cidade de La Pampa, na Argentina em 1872. Era poliglota, falava corretamente o espanhol, alemão, portugués, francês e inglês. Conheceu vários países da Europa, Oriente Médio e Egito. Veio para o Brasil, que tornou-se a sua segunda Pátria. Viveu numa zona de fazendas, onde organizou a Chácara Becker Y Silva, em 1902.

Como professor, ensinava aos alunos assuntos até então desconhecidos de Pecuária, Agricultura e Zootecnia.

Em 1914, passou a trabalhar para a Secretaria de Agricultura, colaborando na revista "A Casa do Lavrador", bem como na publicação de folhetos de propaganda agrícola.

O Professor Becker faleceu no dia 02 de março de 1944. Morreu pobre, mas glorioso, porque cumpriu com honra a missão de educar os filhos desta terra que adotou como sua.

Pela sua vida, em grande parte dedicada ao ensino, recebeu a homenagem que lhe prestou o Governo do Paraná, dando seu nome à Escola localizada na cidade de Ponta Grossa, no bairro da Ronda: "ESCOLA PROFESSOR BECKER E SILVA.

Chácara JULIANO RUBINI – em 1948, foi dividida em lotes, para serem vendidos. Foram divididas 12 quadras, num total de 206 lotes de tamanhos iguais, sendo vendidos aos pobres pois eram os que mais precisavam para construírem suas casas.

Hoje, este conjunto de lotes são chamados, registrados e conhecidos como a Vila Rubini em homenagem ao senhor Juliano Rubini.

Chácara do POSTO – de propriedade da senhora Conceição Ribas, irmã do senhor Manoel Ribas que foi governador do Estado. Nesta chácara, ocupavam-se principalmente da criação de cavalos reprodutores. O proprietário cobrava os enxertos e, por isso, surgiu o nome de Chácara do Posto.

Chácara dos DELGOBO – de propriedade de Luis Delgobo e Felicia Delgobo. Ficava localizada onde hoje temos as indústrias Costalco e Serraria Garbuio.

Na chácara criavam gado, tinham leiteria, faziam queijo, manteiga, requeijão e plantações em geral.

Chácara dos BORSATO – cedeu lugar às instalações do pátio da Estação Ferroviária Central do Brasil, desapropriada a bem público pelo Departamento Nacional de Estradas de Ferro D.N.E.F.

Cultivavam a terra, praticavam a pecuária de corte e leiteria. De propriedade de Cândido e Ana Gnatta Borsato.

A chácara de Bortolo Borsato, irmão de Cândido, eram as terras onde hoje está o Seminário Salesiano. Vendeu para os padres por 10 contos de réis, com 10 vacas, 4 porcos e os galpões.

Chácara PRIMOR – de propriedade da Família Primor. Trabalhavam inicialmente em 3 alqueires de terra, onde exploravam a agricultura e plantações de uva.

Fabricavam vinho, o qual era vendido para a comunidade pontagrossense. Os seus descendentes adquiriram mais terras formando 31 alqueires, onde hoje temos o Núcleo David Federmann, Campo do UCA, Colégio Estadual Professor João Ricardo von Borell du Vernay e três chácaras pertencentes a Antônio Primor, Luiz Primor e Anita Lourenço.

Os chacareiros da época dedicavam-se à leiteria, pecuária, corte de lenha, agricultura, olaria, pequena fábrica de cerveja e vinicultura, sendo esta última cultivada em grande escala. Mais tarde, houve peste nos parreirais, e a fonte mais importante da economia passou a ser a venda do leite. Com o passar dos tempos, as chácaras foram sendo loteadas e vendidas, as quais formam as vilas pertencentes ao bairro.

Os antigos chacareiros trabalhavam com afinco até idade avançada, para depois, quando possuíssem condições financeiras, e estivessem os filhos encaminhados, morar no centro usufruindo das vantagens provindas de uma vida de trabalho.

FAMÍLIAS PIONEIRAS

Grande parte das famílias que vieram para o Brasil foi devido à propaganda feita na Europa, de que o solo brasileiro era fértil; o governo oferecia terras gratuitas por dois anos, a passagem de navio, bem como alimentação para toda a família.

No bairro tivemos como primeiros imigrantes os Russos, que não se adaptaram e retornaram, em sua maioria, ao seu país de origem. Os italianos, poloneses e alemães, viajaram em média 40 dias para chegarem a sua nova Pátria. Após os dois anos de compromisso assumido com o governo de gratuidade das terras, os que aqui permaneceram tiveram de comprá-las. Das famílias que aqui ficaram citamos:

Família NADAL

Nadal Giacomo Du Domenico, jovem de 32 anos, de estatura mediana, de barba, cabelos e bigodes castanhos, juntamente com sua esposa Angela e seus filhos Paulo de 8 anos, Santo de 6, Maria de 3 e Giovanni de meses. Eram naturais da cidade de Treviso. Decidiram imigrar para o Brasil, país que oferecia vantagens para o início de uma nova vida.

Chegaram em 1879, conforme passaporte, data que marca o início da colonização italiana no Bairro de Uvaranas. Compraram a Chácara dos Neves, onde criaram, além dos filhos já citados, Bortolo, Isabel, Domingos e Lucia, nascidos em Uvaranas. A família dedicou-se à agricultura pecuária, vinicultura, olaria e leiteria.

O Patriarca Jacob ou Barbão, como era chamado, trouxe muitas famílias para o bairro, que vieram a seu convite. Foi líder da sua família e da comunidade. Homem trabalhador, religioso, severo, viveu e criou os filhos levando em conta os seus princípios. Na chácara dos Neves, conviviam harmoniosamente, avós, filhos e netos, cada um com suas obrigações e deveres, contribuindo para o bem-estar de toda a família.

Dos descendentes de Jacob e Ângela, muitos continuaram enraizados no bairro. Dedicaram-se a diferentes ramos de atividades e estudos.

A família é uma das mais numerosas de Ponta Grossa. Em 1984, foi promovido o 3º encontro dos Nadal, com o intuito de se conhecerem e estreitarem-se os laços de amizade entre os seus componentes.

No livro de presença, foram registrados aproximadamente mil nomes, de descendentes de Jacob e Ângela Nadal.

Família ZAPERLLON – Paulo e Catarina Zaperllon, vieram da Itália e trouxeram uma filha. Trabalharam no navio, a fim de conseguirem algum dinheiro. Aqui se estabeleceram, trabalhando na agricultura, pecuária e leiteria. Tiveram os filhos: Joana, Amábile, Colomba, Pacífico, Caetano, Maria, Antonio Rosa e Leonor. Mais tarde, venderam suas terras para os padres capuchinhos, para a construção da Igreja Bom Jesus.

Família MALINOSKI – Marcos e Josefa Malinoski, casados e sem filhos, vieram da Polônia à procura de um país que lhes desse condições de fazerem a vida. Tiveram muitos filhos, todos de nacionalidade brasileira. As suas terras foram vendidas para o Asilo São Vicente de Paula.

Família DELGOBO – O casal Jacob e Joana Delgobo, moravam em Treviso, na Itália. Ela nasceu em Veneza e ele em Treviso. Vieram para o Brasil por volta de 1900.

A família morou 14 anos em Morretes, depois vieram para Ponta Grossa e fixaram residência em Uvaranas.

Família PRIMOR – Antônio e Ângela Primor, viviam em Gênova, na Itália, vieram para o Brasil em 1912, trouxeram os filhos José, Carlos (Barba) Sebastião e Jerumina Primor.

Instalaram-se no bairro de Uvaranas, onde compraram uma chácara de 3 alqueires, com uma casa coberta de tabuinhas, que existe até hoje, localizada na rua Teixeira Mendes, 831.

Iniciaram a cultura de terra com plantações de feijão, centeio, milho e uva. Faziam vinho, 20 pipas de 400 litros por ano, vendiam em quintos para firmas, negociantes e particulares.

Mais tarde, José Primor, um dos seus filhos, casou-se com Augusta Dal'Col, e tiveram os filhos José, Antonio, Natalina, Paulino, Maria, Luiz e Anita.

José Primor, além de plantações, criava gado leiteiro, onde

pastavam em aforamento (31 alqueires) da prefeitura, alugado por ele. O prefeito Victor Batista vendeu as terras a José Primor.

Atualmente, a Chácara Uvaranas pertence a seus filhos. Nos 31 alqueires, temos, o Núcleo David Federmann, Campo do UCA, Colégio Borell e 3 chácaras pertencentes a Antonio Primor, Luiz Primor e Anita Lourenço.

FAMÍLIA PRIMOR

Familia SCHEIBEL – Bruno Scheibel nasceu em Blumenau, no dia 26/02/1902. Em 1923, veio para Ponta Grossa, servir o Governo. Possuia uma chacára situada na rua Teixeira Mendes, trabalhava na leiteria e vendia frutas e verduras na feira. Possuia armazém e restaurante, onde hoje está a Farmácia Uvaranas.

Casou-se em 1929 com Maria Zaperllon, tiveram oito filhos: Osvaldo, Valdemiro, Edith, Valdir, Walter, Elisabete, Roberto, Paulo e Luis. Todos moravam no bairro. Bruno deixou 36 netos e 14 bisnetos.

Família WUYCHIK – Josefa e Martins Wuychik vieram da Polônia. Ganharam terras e alimentos do governo durante dois anos. Compraram gado dos russos que moravam nesta colônia, com o dinheiro que trouxeram da Europa.

O casal trouxe cinco filhos dos quais dois morreram em Paranaguá, no desembarque. Aqui nasceram: Verônica, Valente, Sacho e Jacob.

O casal nunca se arrependeu de ter vindo para o Brasil, segundo relato de sua filha, porque tudo o que eles faziam era para a família e, na Polônia, todo fruto do trabalho era dividido com o Governo.

Josefa ficou viúva, mas continuou com a chácara exercendo a profissão de parteira, juntamente com sua filha Maria. Josefa com muito sacrifício conseguiu comprar as terras, que depois passaram a pertencer a Verônica Voitick Monteiro, por desistência da parte dos irmãos. Verônica vendeu as ferras para a família Adura.

Família DAL'COL – José e Polônia Dal'Col vieram da Itália, da cidade de Treviso, juntamente com seus filhos Luiza e João.

Vieram como imigrantes. Levaram mais de um mês para chegarem no Porto de Paranaguá.

Foram morar em Morretes, na cidade América de Cima, onde nasceram os filhos Augusta, Angelo, Pedro, Lúcia, Maria, Rosinha e José.

Em Morretes, possuíram fábrica de cadeiras de palha, plantações de cana e engenho para o fabrico de cachaça.

Vieram morar em Ponta Grossa, no local denominado Rio Verde, em Uvaranas, montaram serraria, tocada por força hidráulica, através de roda d'água; fabricavam farinha de mandioca e também moinho de centeio e fubá.

Sua propriedade ia desde o Seminário São José até o Matadouro Municipal.

Família KATTAR – Os irmãos Kattar Salomão, Mustafá Salomão, Méssini Salomão e Míde Salomão, naturais da cidade de Lúme na Síria, vieram aventurar uma nova vida no Brasil. Desembarcaram no Porto de Santos, depois vieram para São Paulo, Curitiba e Ponta Grossa.

Kattar Salomão, estabeleceu-se em Uvaranas, trabalhando no comércio. Seus descendentes continuam no bairro, com as mesmas atividades desenvolvidas por Kattar.

Família BENINCA – Régulo Beninca e Rosa Beninca chegaram ao Brasil em 1890, provindos de Gênova, na Itália com dois filhos: Pedro e Cirilo Beninca.

Depois de terem passado por Montevidéo no Uruguai, Paranaguá e Curitiba, se estabeleceram em Ponta Grossa, no Bairro de Uvaranas onde adquiriram terras, começando a trabalhar na lavoura, leiteria e também na olaria familiar.

Pedro Beninca nasceu a 12 de junho de 1874 em Gênova, Itália tendo chegado ao Brasil com 16 anos de idade, naturalizando-se brasileiro.

Contraiu núpcias com Itália Buffon, natural de Morretes-mas de descendência de italianos.

Tiveram 11 filhos:
- Ana Beninca
- João Beninca
- Rigoleto Beninca
- Angelina Beninca
- Luisa Beninca
- Brigida Beninca
- Natália Beninca
- Rosa Beninca
- Luiz Beninca
- Nair Beninca
- Júlia Beninca

Pedro Beninca faleceu a 23 de janeiro de 1950.

Itália Buffon Beninca faleceu a 19 de fevereiro de 1971.

Família SALLES ROSA – Adotaram o Bairro de Uvaranas como seu chão e de coração aberto, a família Salles Rosa, tradicionais moradores do bairro entre outras tantas.

Chegaram em 1930 José e Ana Larocca Salles Rosa trazendo consigo os filhos :Paschoal, Iran e o caçula Nilton, nascido no bairro, que por quatro vezes foi vereador, eleito em sua grande maioria pelo povo de Uvaranas.

O professor Paschoal que até hoje reside no bairro, exerceu suas funções em vários educandários, foi diretor no Colégio de Aplicação por dezenove anos e um dos fundadores da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa.

Iran deu continuidade ao trabalho iniciado pelos pais, profissão que exerce até hoje, como próspero comerciante.

Cativaram amizades dos habitantes do bairro, o qual consideram como seu.

Citamos ainda as famílias: Swiech, Machado, Santos, Silva, Fanchim, Bastos, Brito, Dub, Krucoski, Nofre, Tavares, Régulo, Rubini, Blum, Demogalski, Smolarek, Filipinski, Berger, Introvini, Lohmann, Ossovis, Deiab, Ribeiro.

ALVORECER DO BAIRRO

Surgimento das Vilas

Uvaranas foi o imóvel chamado de "Potreiro das Uvaranas", Colônia das Uvaranas, a qual foi dividida em chacaras e posteriormente em vilas.

A senhora Ana Rita era dona de toda a vila que hoje tem o seu nome.

A Vila Claudionora e a Vila Rio Branco foram fundadas por dona Luiza Lápido Bittencourt, sua cunhada. Vitória foi fundadora da Vila Jockey Clube. As terras da Vila 31 de Março pertenciam a Bortolo Nadal, a Vila Dal Col à família Dal Col; a Vila Borsato a Bortolo Borsato, a Vila Rubini e o Jardim Paraíso ao senhor Rubini; o Jardim Rio Verde, Jardim Conceição à senhora Conceição Ribas e o terreno onde está situado o Colégio Borell à família Primor.

A Vila Vicentina surgiu por volta de 1950, com aproximadamente 30 moradores, os quais vieram residir neste local devido a doação de terrenos, feita pelo prefeito João Vargas de Oliveira, decretado por José Hoffmann.

A partir de 1950, começaram a surgir mais vilas no bairro, entre estas citamos: Marumbi, Berta, Taroba, Odete, etc . Na década de 50, Uvaranas atingiu maior desenvolvimento com o asfaltamento da rua Siqueira Campos bem como o seu prolongamento permitindo a saída de Ponta Grossa a Curitiba e contribuiu para o rápido povoamento, nessa região.

Todas as terras que vieram a formar as vilas eram de propriedade dos herdeiros descendentes das famílias pioneiras deste bairro.

As mulheres ficavam em casa cuidando das crianças e dos afazeres domésticos.

Os homens trabalhavam no campo, nas plantações.

A uva era colhida, colocada nos tonéis, a qual era pisada até soltar o suco.

Nas leiterias, o trabalho era manual, onde o proprietário levantava de madrugada para tirar o leite, que após engarrafado era colocado em engradados próprios. Numa gaiota atrelada com cavalos, vinha o leiteiro com um ou dois filhos para a entrega de casa em casa. No outro dia, as vasilhas eram recolhidas quando a gaiota retornava, quase na hora do almoço. As mulheres eram encarregadas da limpeza das garrafas.

Os doces eram feitos em casa, nos grandes fogões de lenha e em tachos. Eram colocados em cachetas e guardados, para que na época em que não existisse a fruta pudesse se saborear o doce. Eram feitas marmeladas, goiabadas, figadas, doces de abóbora, cocadas, doce de leite, etc.

Muitas vezes, a própria família tinha que suprir as suas necessidades, confeccionando os vestuários, fazendo sabão em casa . . .

As mulheres demoqstravam criatividade também quando forravam as prateleiras, muitas vezes com simples jornal, mas com muita arte, através dos bicos de prateleira recortados, representando crianças de mãos dadas, figuras geométricas, etc.

Os bordados eram famosos pelo capricho, pela combinação das cores e pela beleza. Muitas mulheres faziam guipir (uma espécie de renda para enfeitar blusas) e outras faziam abrolha (franjas nas toalhas trabalhadas com o próprio tecido).

Por volta dos anos 40, o único meio de comunicação acessível era o rádio, sendo também o meio de entretenimento das famílias que se reuniam para ouvir programas humorísticos, novelas, músicas de carnaval, destacando-se os programas Gentileza (ofertas de músicas para homenagear aniversariantes) e Escute se quiser e durma se puder (casos de assombração).

LAZER

Com o passar dos anos, os divertimentos foram se diversificando, divertimentos estes que os saudosistas recordam, como as Cavalhadas, realizadas por volta do ano de 1937, tendo por local o Jockey Club, onde eram simulados os combates entre mouros e cristãos. Os participantes vinham vestidos tipicamente e para os combates usavam lanças e festins; no final, o grupo vencedor incendiava o castelo inimigo. Devido ao preço do ingresso ser elevado para a maioria da população aqui residente, os que não conseguiam sua entrada, assistiam ao espetáculo pelas frestas da cerca.

Para os que apreciavam as corridas de cavalos, havia as raias Jaguarão, Jardim Paraíso, e a "raia" Cezária na estrada Cará-Cará.

– Animados eram os fandangos, onde homens iam com bota e espora; dançavam catereté, e tantas outras "modas" e, mais importante, dançavam largados.

Mas os bailes mais animados eram os do Clube Estrela do Norte, frequentado pelos militares: sargentos e cabos. Havia inclusive sessões de teatros promovidos por professores do 13º R.I. (hoje 13º BIB).

–Nada mexia mais com os desportistas pontagrossenses que os jogos entre Operário e Guarani, realizados no Jockey Clube, cujas torcidas vinham de trem, que saia da Estação Ferroviária, indo até a Travessa São Paulo, levando os torcedores de volta após os jogos. Houve,em certa ocasião, um fato curioso: após um jogo entre os dois rivais, o Jockey amanheceu todo queimado.

– Quem não se recorda do artista Nhô Bastião, que tinha o carisma de fazer rir e chorar; quase sempre armava o circo atrás da Igreja Imaculada Conceição e, dava espetáculos às quintas-feiras, sábados e domingos.

Nas frias noites de inverno de junho, os santos tradicionais: Santo Antônio, São João e São Pedro eram comemorados com fogueiras altíssimas, muitos fogos, pinhão e vinho de laranja. As chácaras se transformavam em animados "terreiros".

Pelos idos de 1930, o Armando Português promovia festas, na cape-

linha de São Sebastião, situada no final da rua Conselheiro Barradas, onde o povo participava dos ritos religiosos em homenagens a São Sebastião, com procissões, churrascos e barraquinhas.

– No ano de 1936, houve um espetáculo no Campo do União, na rua Conselheiro Barradas, quando a população princesina e, de modo especial, a de Uvaranas, presenciou uma exibição de acrobacias dos Cossacos, cavaleiros que faziam exibição de equitação, com trajes típicos da região do Rio Volga, Rússia. Eles cavalgavam em pé em cima dos animais; o traje típico era botas pretas, calções pretos, blusas vermelhas bordadas com a água bicéfala. Esse evento contou com 50 participantes.

– O Clube dos Polacos era freqüentado por imigrantes: poloneses, italianos, ucranianos, alemães e espanhóis. Por ocasião dos bailes tocavam músicas com sanfonas e violão. Tocavam músicas polonesas, italianas e assim sucessivamente. Este clube localizava-se na rua Leopoldo Fróes, próximo à Comabra. Os freqüentadores dos bailes usavam roupas típicas.

– Onde hoje é a Escola Rainha da Paz, havia um campo de futebol chamado Campos Gerais, era um campo bonito, com riacho. Aos domingos as pessoas se reuniam para assistir aos torneios semanais ali realizados e torcer pelo seu time.

– Antes da construção da Praça Bom Jesus, instalavam-se no local parques de diversões.

Assim era o lazer dos moradores de Uvaranas.

TIPOS FOLCLÓRICOS

"O Pé Vermelho"

Dentre os tipos folclóricos do bairro citamos: João André Filho, "O Pé Vermelho", conhecido por este apelido porque usava sapatos vermelhos e via sorte, fazia responso, encaminhava pessoas. Era um mineiro muito viajado, possuia bola de cristal e uma vasta biblioteca para a época, com muitos tratados sobre Astrologia. Para impressionar as pessoas, possuia muitos gatos e costumava ouvir os seus discos em alto volume.

Era chamado para ver a sorte em época de eleições, para políticos famosos, entre outras pessoas. Para os que diziam a data de nascimento, discorria sobre a vida presente e futura, que por coincidência ou por conhecimento astrológico, muitas vezes dava certo. Sobre o Pé Vermelho, existiu um anúncio datado de 1943, num jornal desta cidade que dizia o seguinte: "Vindo de terras longinquas, estabeleceu-se em Ponta Grossa, no bairro de Uvaranas, o mineiro João André Filho, o qual exerce a profissão de cartomante.

"O Velho Barba"

Era um homem muito rico que viveu no bairro de Uvaranas por volta de 1950, na rua Teixeira Mendes. Possuia este apelido, devido a barba muito grande. Vestia-se de trapos. Seu alimento preferido era queijo, leite e polenta. Em uma panela enorme de ferro, ele cozinhava sua polenta em grande quantidade, que dava para a semana toda, guardava-a em uma gaveta para que, quando tivesse fome, pudesse comê-la.

Sua casa era uma cabana muito mal acabada e lá dormia com galinhas, porcos, cavalos e vacas.

Cuidava com muito carinho da lavoura, dedicava-se especialmente à plantação de uvas; tinha fabricação próprio de vinhas. Possuia muitas cabeças de gado e muitas terras. Tinha um carrinho-de-mão feito de madeira e

rodas também de madeira.

Ninguém sabe porque ele vivia e morreu na miséria, só se sabe que era muito rico e deixou muitas terras de herança.

O Velho Barba, morreu, porém dizem que antes de morrer, ele enterrou suas riquezas em seu próprio quintal. Muitas pessoas procuraram, mas não a encontraram. Contam as pessoas que ele escondeu junto aos bambus que plantara em forma de círculo, e que até hoje ainda não foi descoberto e lá permanece.

"Nhô Gumercindo"

Homem simples, pobre, muito honesto, que residia no bairro de Uvaranas, na rua Conselheiro Barradas. Era rico no número de filhos, os quais aumentavam cada vez mais. Dizem que pelas circunstâncias da 2a. Guerra Mundial, com os alimentos racionados, a vida cada vez mais difícil, cara e a dificuldade de trabalho, foram fatores que influenciaram para que Nho Gumercindo fosse ficando de memória fraca e apresentando sintomas de esquisitices, como quem cansou de passar apertos na vida e começou a não pensar em mais nada a sério. Nesta época, os seus filhos já estavam todos crescidos e ele passou então a perturbar as pessoas que se aproximavam dele, passando a ser um verdadeiro palhaço e chamando a atenção de todos.

"Xerife"

Ele viveu na Vila Rio Branco, no bairro de Uvaranas, figura folclórica em toda Ponta Grossa. Vestia-se como xerife, usava estrela e tudo o mais a que tinha direito; botas, camisa xadrez e chapéu, daqueles usados nos filmes americanos, dos tempos de faroeste.

Dizia que era o xerife das ruas, responsável pela ordem na cidade. Gostava de vender lenha e serragem.

Xerife era boa pessoa. No centro da cidade era alvo de piadas e gozações.

"Mendonça"

Mais conhecido por Mendoncinha, o que por si só determina o tamanho do homem.

Possuia um armazém ao lado do famoso Sobradinho, o mais antigo sobrado do bairro.

Foi sargento do Regimento. Tornou-se conhecido porque no seu armazém as pessoas se reuniam para conversar.

"Nhô Bastião"

Quem não lembra do Nhô Bastião, palhaço, alegre, brincalhão, bobo, piadista?

Ator que fez o povo sorrir, chorar, cantar e sonhar.

Empresário, dono de circo, de teatro, que rodou o Brasil inteiro. Pai de família, que criou filhos que herdaram os seus dons.

O circo do Nhô Bastião era conhecido no bairro e atraía pessoas de todos os cantos pelos espetáculos que apresentava. As peças teatrais apresentadas eram: Marcelino Pão e Vinho, a Paixão de Cristo e outras. Os cenários eram construídos muitas vezes pelos moradores do bairro, os quais emprestavam tapetes, móveis e outros objetos para que pudessem montar o espetáculo.

Atualmente, os seus descendentes ainda vivem da apresentação de peças teatrais e, em 1984, aqui estiveram e montaram seus espetáculos, reavivando no povo do bairro as emoções que Nhô Bastião lhes causara.

"O Monge João Maria"

João Maria era um monge que apareceu peregrinando em nosso bairro. Era de origem polonesa.

Perambulava por toda a região dos Campos Gerais e, quando aqui passava, vivia no local conhecido até hoje como "Olho d'Água São João Maria. Era de boa índole, pedia esmolas, trazia sempre consigo ervas medicinais,

que dava para as donas de casa, para que fizessem chás para certos males. Muitas vezes, porém, não era bem recebido e naquele tempo, algumas pessoas tinham o mau hábito de caçoar de pessoas "esquisitas".

Certo dia,estava fazendo sua comidinha, quando alguns meninos que por ali passavam, começaram a atirar-lhe pedras. Ficou furioso, reagiu e revidou o ataque com seu bordão, correndo atrás deles.

Ouvindo gritos, as mães correram para defender seus rebentos. Gritavam com o pobre velho e este zangado, amaldiçoava a todos, olhando para os casarios, dizendo em altos brados: "Terra de gente ruim. Um dia, quando as casas forem muito altas, o vento será tão forte que irá derrubar tudo, não deixando nada em pé. Vocês haverão de ver". E,logo depois,houve uma grande tormenta de vento, pedras e chuvas, atingindo animais, pessoas e destruindo casas. Entretanto, a chuva e as pedras não chegaram a atingir o monge, que estava sentado debaixo de uma árvore, no local onde hoje é o Olho d'Água São João Maria.

Muitos dizem que ele era um profeta, pois chegou a fazer milagres. Outros, até hoje, têm medo das tempestades, quando o vento, que é comum em zonas descampadas como é a nossa, sopra violento, recordam a maldição do monge São João Maria.

Depois desta malfadada profecia, o monge retornou ao seu lugar de costume, no Olho d'Água e de lá sumiu sem ninguém saber para onde. Hoje, pessoas que nele acreditam vão a esse local e fazem promessas.

"Maria Risadinha"

Maria Risadinha ou Maria Balão como a chamavam, era uma mulher beirando os trinta anos, tipo de cabocla brasileira, baixinha e bem cheinha. Vivia perambulando na Carlos Cavalcanti e principalmente no pátio da Estrada de Ferro, que, por volta dos anos 60,era aberto e por ali passavam os pedestres do bairro a fim de cortar caminho para chegarem mais rapidamente ao centro.

Maria Risadinha fez do Pátio da Estrada de Ferro a sua passarela, nos vagões que ficavam estacionados, a sua morada, e no chão desses vagões a sua cama, a qual era compartilhada por homens que pernoitavam com ela.

Recebeu o apelido de Maria Risadinha porque vivia sorrindo

para todos, indistintamente, homens, mulheres e crianças.

Era uma pobre mulher que possuía, com certeza, deficiência mental. Foi apelidada de Maria Balão porque todo ano ficava de barriga, como diz a linguagem popular.

As autoridades levavam-na para o asilo, em Curitiba, e no dia seguinte, ela fugia, voltava para o pátio da Estrada de Ferro e começava tudo de novo.

Mais tarde, este pátio foi fechado e proibida a passagem aos pedestres e nunca mais se ouviu falar de Maria Risadinha ou Maria Balão. Com certeza, ela encontrou outro pátio e sua história continua.

"Dona Angélica"

Angélica Nadal Schoemberg prestou muito auxílio à comunidade pontagrossense e, em especial às pessoas do bairro de Uvaranas. Morava à rua Antonio Branco, atrás da Igreja Imaculada Conceição. Mulher muito prendada possuía muitos filhos.

Paralelamente à sua vida de dona de casa, era conhecida como parteira das muito eficientes.

Naqueles tempos, não existiam médicos parteiros, por isso, a maioria das pessoas que aqui nasceram, vieram ao mundo com o auxílio de Dona Angélica, que muito dedicada, acompanhava todo o período pré-natal da mulher grávida, o parte e pós-parto, ficando disponível no atendimento ao recém-nascido e à mãe.

Fazia benzimentos contra quebrantes, bichas, erisipela, cobreiro, eczemas, etc. Preparava chás com ervas medicinais e, de acordo com as queixas, ela lhes receitava. Costurava as rendiduras, fazia massagens.

A sua casa tornou-se um verdadeiro consultório devido a quantidade de pessoas que ali compareciam para consultas, a ponto de Dona Angélica ter que marcar horas para poder dar conta de tantos clientes.

Já velha, cansada e muito doente, assim mesmo atendia com boa vontade, e sempre com palavras amigas aqueles que a procuravam.

"Antonio Soeiro"

Vendia tecidos, corte ara ternos, calça e vestidos para os moradores do bairro.

Empilhava os cortes s ombros e saia pelas ruas.

Naquele tempo, o p o comprava o tecido e o alfaiate fazia o traje.

"José Bonito"

Recebeu este apelido, por ser muito feio, mas ele, como para se compensar, dizia ser o mais bonito do bairro.

"Vicente"

Curandor. Não possuia família. Vivia de benzimentos.

"Aristides Fagundes"

Curandor. Dava garrafadas e trabalhava na R.F.F.S.A.

"Dona França"

Viúva, que mais tarde casou com o Patrício, que veio de Paranaguá.

Loteou as suas terras, que hoje formam a Vila Francelina. Eles possuíam armazém e tipo de uma hospedaria, que servia de paradeiro do povo que vinha de Itaiacoca.

"Marrequinha"

De pequena estatura, bebia muito e chegava até a tirar a roupa. Mexia com os soldados e com as pessoas que passavam na rua.

Estes tipos incomuns passaram pelo bairro e deixaram lembranças inesqueciveis aos seus moradores.

"Ana Borsato"

Nasceu aos 12 de março de 1895 em Sítio Grande, comarca de Morretes.

Anita, como era chamada e conhecida pelos familiares e amigos, juntamente com seus pais e treze irmãos, aprendeu a lutar pela vida no trabalho da terra e do lar. Casou-se com Cândido Borsato (Candinho) no ano de 1914.

O casal resolveu começar sua vida em Ponta Grossa, no bairro de Uvaranas em 1920.

Ana Gnatta Borsato teve toda sua vida dedicada a Deus, a seu esposo, a seus nove filhos e à comunidade, conforme seu hábito desprendido e desapegado das coisas materiais, dando exemplo de amor a sua família e ao próximo.

Tomou parte efetiva na então conhecida igreja dos italianos, a Igreja da Imaculada Conceição em Uvaranas, a Igrejinha, onde professou sua fé e trabalhou também nas conquistas materiais para sua construção e em cuja igreja, louvava a Deus dignamente, participando da missa com seus filhos de colo e outros ainda pequenos, dando exemplo de vida religiosa e de amor ao próximo.

Deixou como maior herança a seus descendentes, a educação religiosa e moral que seu filhos, netos e bisnetos vivenciam nos dias de hoje.

Em 1947, data em que ficou viúva, dividiu a chácara entre seus filhos, doando aos freis capuchinhos uma área de 20.000 metros quadrados, para a edificação de uma igreja.

Comemorou seus 87 anos com uma missa de ação de Graças, na capela da Vila Dal Col.

Como líder cristã, foi presidenta do Apostolado da Oração, membro da Legião de Maria e da Ordem Franciscana.

Catequista, destacou-se como Orientadora Familiar, visitando doentes e famílias indistintamente, ricas ou pobres, cultivando assim inúmeras amizades.

Pelos serviços prestados, pelo exemplo e pelos seus méritos, deixou a todos quantos conviveram com ela a responsabilidade de seguir seus ensinamentos vividos no decorrer de seus 88 anos de vida nesta terra.

NARRATIVAS POPULARES

MORADORA ANTIGA

Verônica Voiticki Monteiro está com 98 anos, seus pais vieram da Polônia e trouxeram cinco filhos. Após dois anos de morada na Colônia Uvaranas, nasceu Verônica.

Segundo seus relatos, esta idade não coincide com os fatos reais, tendo em vista que naquele tempo os filhos eram registrados depois de anos, ou quando fosse necessário a certidão, como no caso de Verônica, que foi por ocasião do seu casamento. Assim sendo, Verônica é a mais antiga moradora do bairro, com 104 anos.

Verônica aqui viveu e casou-se aos 17 anos, com um mineiro, o Sargento Enfermeiro Tancredo Upto Monteiro. Conheceram-se e sua mãe tratou o casamento, contraindo núpcias no prazo de um mês.

O casamento foi realizado na Igreja dos Polacos. O casal teve sete filhos e como seu marido era militar e constantemente transferido, ela viveu em vários estados; Minas Gerais, Rio de Janeiro, mas retornou para Uvaranas onde vive até hoje.

Verônica está cega e com dificuldade para andar. A perda de visão lhe aguçou os outros sentidos, principalmente a memória. É uma mulher alegre, extrovertida, que não parou no tempo, não no sentido de participar, mas no de acompanhar o progresso, mesmo porque a idade não permite e, na sua época,viveu cada fase de sua vida com intensidade.

AS CAÇADAS

O bairro de Uvaranas, formado por campos perenes, possuía enorme quantidade de perdizes e codornas, muito cobiçadas, devido ao sabor da sua carne.

Os homens dedicavam-se a este esporte, e para tanto possuíam os apetrechos para sua prática.

Alguns caçavam por prazer, outros para comercialização. Vendiam para particulares e comerciantes que revendiam, deixando as aves expostas nas portas de suas vendas, como é o caso da família Zulian, que se dedicava a este comércio. O aludido imóvel situava-se ao lado da Igreja Imaculada Conceição onde hoje é o armazém de propriedade de Iran Salles Rosa.

Nesta época, não havia repressão ou lei que impedissem as caçadas e mesmo as vendas.

Os caçadores usavam botas, para se defenderem das cobras cotiara e cascavel, comuns nesta região.

Muitos proprietários permitiam as caçadas em suas terras com a finalidade de limpar os campos de serpentes.

Eram criados cachorros da raça perdigueira, como Seter, Poente, etc.

As caçadas eram realizadas nos arredores, como no Jardim Conceição, na Vila Ana Rita, imediações do Quartel, do Prado, devido à grande quantidade de codornas e perdizes existentes no bairro.

FATO CURIOSO

Valentim, morava com seus familiares no lugarejo chamado Passo do Pupo. Quando soube da morte do seu pai, no local denominado Catanduvas, saiu cavalgando levando a mortalha.

Ao retornar do velório, passando pelo local denominado "Portão de Arame", situado entre Uvaranas e Passo do Pupo, ainda perturbado pelas emoções vividas, ouviu uma voz que lhe chamava e dizia. "Vá em casa e volte aqui neste local".

Chegando em casa, contou o ocorrido e pediu que arrumassem a carroça com seus pertences, que ele teria que partir, urgentemente. A família achou que estivesse perturbado, mas vieram em sua companhia até o local citado. Lá chegando, Valentim despediu-se e ante o olhar atônito dos que o acompanhavam, foi beirando a cerca lentamente, desmoronando sobre si mesmo, caindo morto.

Nesta época, sua mulher estava grávida e teve um filho, um menino, que anos mais tarde veio servir o exército e sua mãe empregou-se no então "Abrigo de Menores", em Uvaranas, como cozinheira, passando a conviver com um homem. Este caso não teve aceitação do filho, que revoltado, entrou em luta corporal com o amante de sua mãe e que, por infelicidade, foi assassinado por este homem. Por coincidência, o fato ocorreu no mesmo dia e mês em que seu pai havia morrido.

Este fato foi comentado em jornais e rádios de todo o país.

MATANÇA DO PORCO

Os porcos eram criados em chiqueiros no fundo dos quintais, assim como galinhas e outros animais.

Quando o porco estava no ponto para ser abatido, eram preparados os materiais a serem utilizados no carneamento do animal. Toda a família se via envolvida no trabalho. A mãe fazendo fogo para que a água estivesse no ponto certo de pelar o couro do porco.

O bicho era abatido e, em seguida, levado para uma mesa onde seria carneado. Era retirada a barrigada, com os miúdos. Em seguida pelavam o porco, derramando água fervendo e raspando com uma faca afiada. Em outra mesa, ficavam os encarregados de tirarem o toucinho o qual era levado para os grandes panelões, onde retirava-se a gordura, colocando-se em lata e feito o delicioso torresmo com pedacinhos de carne e de toucinho.

A carne era cortada e distribuída para os familiares e amigos. O que ficava na casa era frito ou cozido e colocado nas latas de banha para conservação. Com o sangue, era feito o chouriço e, com os miúdos e a carne, linguiça feita em casa.

A matança do porco se tornava um divertimento para toda a família.

HIPÓDROMO DE UVARANAS

O Hipródomo de Uvaranas possui cerca de sete alqueires de terra, sobre as quais se encontram as benfeitorias e dois apartamentos no Edifício Sant'Ana, prédio situado na Rua XV de novembro de nossa cidade.

É a autoria do presidente Sr. Munir Miguel a introdução do "Startingat" nas corridas semanais. Este aparelho móvel, de origem australiana, é usado atualmente em todos os hipródomos do mundo e substitui as "largadas" com bandeiras ou fitas, métodos que requeriam alta perícia do "Juiz da Partida" e comprometia, por vezes, seriamente a lisura das corridas.

Algumas notas pitorescas lembradas pelos velhos turfistas:

"O Joquei Clube estava fechado fazia anos. Uns idealistas resolveram abri-lo. Entre as primeiras providências, coube a dois diretores solicitar a ajuda da rádio local na transmissão da notícia e posterior convocação dos turfistas para maior arregimentação da classe. O diálogo entre as partes se processou assim:

– Estamos aqui, Sr. radialista para pedir os préstimos da emissora, etc.

O radialista, por sinal diretor da emissora, ouviu a proclamação e com ar de descrédito respondeu:

– Estamos dispostos a ajudar, não há dúvidas, mas paguem o que nos devem primeiro para depois gozarem do favor. Essa dívida, continou, já dura anos e não estamos aqui para trabalhar de graça para ninguém.

O turfista acompanhante, certamente sem malícia e querendo apaziguar os ânimos, entrou na conversa, assim se expressando:

"É isso, fulano! Você quer "lidar com cavalos" é o que acontece . . . referindo-se o turfista aos cavalos de corrida, naturalmente, mas o homem da emissora interpretou que o "lidar com cavalos" era para sua pessoa e partiu para briga e o sururu se formou.

Outra história inédita no mundo turfístico se deu em Uvaranas. "Os cavalos que competiam no 3º páreo do programa entraram na reta de chegada dando tudo para a vitória. Três eram os ponteiros da prova. Na estaca dos 1400, 100 metros, portanto do disco de chegada, justamente o que já ponteava a corrida rodou, os outros dois seguidores chocaram-se com ele, formando um amontoado de jóqueis, cavalos e poeira. Os jóqueis voaram para o ar, vindo um deles, o que corria mais atrás do bolo, cair justamente no lombo do cavalo ponteiro, que já se levantava. O animal, instintivamente, correu para o disco, como é treinado, levando em seu dorso um novo jóquei.

Moral da história: Os códigos de corridas são omissos para esse estado de coisa: o cavalo ser montado por um jóquei e cruzar o disco com outro no seu dorso. Pensem os leitores a situação criada para os juízes de chegada. Este acontecimento foi transcrito em quase todos os jornais e revistas de nosso país e em alguns do exterior, com desenho alusivo.

JOCKEY CLUB DE PONTA GROSSA – 1944

O FLORESTAMENTO DA CHÁCARA MONTE ALEGRE.

Sebastião Bastos, natural de Cerro Azul, veio para Ponta Grossa, para servir o Exército em 1931. Casou-se com Zeny Nadal em 1937 e passaram a morar no bairro de Uvaranas, na mesma casa onde atualmente residem, em frente à Igreja Imaculada Conceição.

Zeny é natural do bairro, filha de João Nadal e nasceu na chácara dos Neves.

O casal teve os filhos: Edison Zurbanan Paranaense Bastos, Winston Antonio Bastos, Maria José Bastos Martins, Sônia Maria Bastos e Sandra Maria Bastos.

Em 1943, Batos como é conhecido, sentiu necessidade de iniciar outra atividade, além de militar. Interessou-se pelas atividades rurais e partiu para especulações na área específica de florestamento. Por ser homem com muito senso de observação, notou que o eucalipto proliferava muito bem nesta região e baseado nisto, escreveu ao Instituto Marengo em São Paulo, pedindo orientações para o plantio de Eucalipto (originário da Austrália). Além de mandarem os prospectos, o Instituto forneceu milhares de mudas de diferentes qualidades, como sejam saligna, long-folha, robusta, etc. Estas mudas eram compradas e enviadas pela Estrada de Ferro, vinham em caixas retangulares, onde eram plantadas as sementes em pequenos pelotes de terra com produtos próprios a sua germinação e crescimento, depois colocadas em caixas com terras até chegarem ao ponto do replante. Quando a planta tivesse 10 cm de tamanho, era colocada em jacás até a época do replante.

Desta maneira, foram plantadas por volta de 250 mil árvores em terras aradas no sistema manual (puxado por animais) totalizando 20 alqueires. Os restantes 20 alqueires foram terras preparadas posteriormente, por tratores o que facilitou o preparo da terra. Eram plantadas de 2 em 2 cm.

O eucalipto está em condições para o corte em 5 anos mais ou menos, é árvore de duração secular, serve para lenha, remédio, perfumaria e madeiramento.

Nesta atividade Bastos contou com o apoio de seus familiares, em especial de sua esposa, que muito o auxiliou neste empreendimento.

Este florestamento teve início em 1943 e foi dado por encerrado em 1956 totalizando 40 alqueires, na Chácara Monte Alegre, de sua propriedade.

Paralelamente, Bastos continuou seus estudos formando-se em advocacia em 1961, pela Faculdade de Direito de Curitiba. Exerceu a profissão por oito anos. Foi comerciante e industrial, após ter dado baixa do exército como sub-tenente em 1946.

Na Chácara Monte Alegre, o pomar, formado por Bastos, tem em média um alqueire, com cerca de seiscentas árvores frutíferas, e ele continua plantando e traz consigo o lema: "O homem que plantou uma árvore não passou em vão pelo mundo". Ele já plantou mais de 250 mil árvores.

MIGUEL QUADROS

Miguel Quadros, tio do ex-presidente Jânio Quadros, foi assassinado no dia 07 de novembro de 1937, crime que abalou o bairro e toda a cidade. Aconteceu na Av. Carlos Cavalcanti, na casa situada em frente à Escola General Osório.

Havia interesse por parte da justiça em desvendar o misterioso assassinato. A culpa recaiu em Barbosa Paraná e Alfredo Silva, mais conhecido por Alfredinho Silva, o primeiro como executor e o segundo como mandante.

Neste processo viu-se envolvido um advogado, então famoso Dr. Moisés Deiab, como defensor dos supostos assassinos. Este crime causou muita polêmica. Barbosa Paraná foi preso em São Paulo e trazido para Ponta Grossa, onde foi submetido a interrogatório e sob pressão policial, segundo dizem, confessou, o mesmo não acontecendo com Alfredinho Silva, que sempre negou ter sido o mandatário. Estes supostos criminosos foram patrocinados pelo citado advogado Moisé Deiab.

Na época do aludido crime, o país passava por período ditatorial, como repressão aos órgãos de comunicação. Foi quando empolgado em defender os então réus, Moisés Deiab, através de pronunciamentos, agrediu as autoridades o que foi revidado com sua expulsão da cidade de Ponta Grossa.

Barbosa Paraná foi sentenciado e julgado culpado, cumprindo da pena imposta mais de dez anos de prisão.

O processo foi reaberto por solicitação do então acadêmico Mário Jorge, hoje famoso criminalista, especializado na reabertura de processos, onde

julga haverem sido cometidos erros judiciários, como no caso de Barbosa Paraná.

O advogado, após vistoria nos autos, julgou haver falhas no processo e apostou na inocência do réu, conseguindo sua absolvição.

Desta forma, foi encerrado o caso que alarmou o povo desta cidade e moradores de Uvaranas, os quais não conhecem até hoje os verdadeiros culpados.

CASA ONDE MOROU MIGUEL QUADROS NA
AV. CARLOS CAVALCANTI

CASAS REUNIDAS

Em 1941, ano de seu casamento, Constâncio Mendes veio residir na Travessa Santa Catarina, onde funciona hoje as Casas Reunidas.

Em 1944, como ferroviário, viajava com o Trem Internacional, que ligava a América Latina ao Brasil, e assim teve a oportunidade de trazer retalhos de São Paulo, que a sua esposa vendia em sua casa, e como era novidade, vizinhos contavam aos amigos, e assim chegou a um movimento muito grande, ocasião em que foi obrigado a desligar-se do serviço ferroviário, para melhor atender os clientes.

Em 1946 abriu na sala de sua casa uma loja, a Casa de Retalhos, sempre contando com o apoio de sua esposa, que foi o baluarte em tudo. Ele apenas adquiria os tecidos em São Paulo e quando chegava em casa, já havia muita gente esperando para realizar suas compras. Em 1948, havia mais de cinco Casas de Retalhos em Ponta Grossa, todas baseadas no sucesso da sua, e como dava muita confusão, comprou algumas, ficando assim com o nome de Casas Reunidas. Em 1950, quando o ônibus parava no ponto em frente à Igreja Nossa Senhora da Conceição, descia a maioria dos passageiros, só para fazerem compras na sua loja. Isso acontecia diariamente das 14 às 17 horas.

Em 1959, comprou a Casa Branca, onde hoje funciona a filial do Ponto Azul e comprou um terreno em frente a sua casa, onde construiu um prédio que hoje abriga a Matriz e os Depósitos de sua firma, e continua atendendo todo o Paraná e também Santa Catarina, vendendo no varejo e atacado.

Tudo isto é fruto do trabalho árduo de sua esposa Ana Rita e de deus filhos, Rauly, Renato e Ritanara, que desde os 10 anos de idade já trabalhavam e estudavam.

MEIOS DE TRANSPORTE

Os principais meios de transporte de Uvaranas em 1900 eram charretes, carroças, carqueiros e cavalos.

As carroças eram utilizadas no transporte de mercadorias, daqui até Itaiacoca e vice-versa.

As charretes eram usadas para passeio.

As toras compradas na região de Itaiacoca eram transportadas por carros puxados por vários bois. Cada boi tinha uma marca com o nome: malhado, pintado, gaúcho, etc. e cada dois bois constituiam uma junta.

Os animais eram transportados por tropeiros, sendo tocados pelas ruas. Havia animais que transportavam alimentos, capim, como por exemplo, os burros de carga, bois de arado, cavalos nas carroças.

Na década de 30, com o desenvolvimento do bairro e principalmente com a criação do 13º RI, em 1923, apareceu o ônibus, chamado Empresa de Transporte Coletivo Urbano, tendo como diretores Francisco Rizental e Filhos, os quais dirigiam o ônibus que fazia o percurso três vezes ao dia: pela manhã, antes das sete, às 11:30 e das 12:00 horas e retornava à tarde. O ônibus partia do antigo Hotel Astória, situado junto à antiga farmácia Milka, indo até os portões do fundo do Quartel. O coletivo transportava, em sua grande maioria, militares que serviam no então 13º Regimento de Infantaria.

Os ônibus tinham apenas três bancos em cada lado e um banco maior atrás. O preço da passagem era de duzentos réis, que o passageiro com-

prava ao entrar no ônibus e colocava em uma caixa de madeira que se encontrava antes da porta de saída do mesmo.

Mais tarde, o ônibus passou a circular de duas em duas horas e, à noite, até às 2200 h e paravam em frente à Igreja Imaculada Conceição, o qual era chamado de Ponto do Pão Duro. Quem queria ir até à rua da Estação teria que pagar mais.

Hoje, circulam ônibus pelo bairro todo e nas vilas, no atendimento à população que aumenta cada vez mais.

ONIBUS QUE FAZIA A LIGAÇÃO
UVARANAS - CENTRO

AS INDÚSTRIAS DO BAIRRO

Em 1920, na rua Lamenha Lins existia uma fábrica de tecidos, para tecelagem e tinturaria. O proprietário era o senhor Antonio Félie. Nos dias atuais, está instalado o Clube Santa Cecília.

Na rua Conselheiro Barradas, havia uma fábrica de talco: Sociedade Paranaense de Mineração, de propriedade do Senhor Chicuta Rias, amigo político de Getúlio Vargas.

Um moínho de propriedade da família Beusso, na rua Siqueira Campos, onde produziam farinha, trigo, fubá, quirera, etc. Os produtos eram distribuídos para armazéns das redondezas.

A Indústria Laminadora S. A. ILSA, uma empresa de grande porte, situada na Avenida Carlos Cavalcanti, de propriedade das famílias Brener, Roeder e Justus, indústria de compensados e laminas de madeira. A indústria chegou a ter 450 funcionários trabalhando dia e noite para manter a produção. Faliu em 1972.

O antigo Frigorífico Wilson do Brasil, situado à rua Leopoldo Fróes, hoje Comabra e Comabra Hens, importante indústria situada no bairro.

A olaria de Stanislauzuk, localizava-se em frente ao Quartel, era chamada de olaria do Zuk, fabricavam tijolos e telhas.

A primeira fábrica existente no bairro de Uvaranas pertencia à família Dal'Col, fabricavam fubá e centeio, situava-se onde hoje está a Vila Dal'Col.

Outras firmas: Serraria Garbuio, Coca-Cola, Fava, Vega Sopave, Mineração Giraldi, Costalco, Cooperativa de Carnes de Ponta Grossa, Montesul, Ibema, Fábrica de Ataúdes, J. Baron, Viação Campos Gerais, Construtora Wosgrau Ltda., Wosgrau Ind. de Óleos Vegetais Ltda. e tantas outras que contribuíram e contribuem para o progresso do bairro e da própria Princesa dos Campos.

A Avenida Carlos Cavalcanti

É a principal avenida do bairro, onde se encontram casas comerciais, farmácias, escolas, postos de gasolina, fábricas, residências, etc.

Até 1931, a Avenida não era calçada. Eram ruas estreitas com poucos moradores.

O calçamento foi feito na gestão do Prefeito Albari Guimarães, sendo que foram plantadas árvores no meio da avenida, algumas das quais foram destruídas por vândalos e novamente replantadas. Mais tarde, foram retiradas definitivamente, assim como o passeio que dividia a avenida.

A avenida tem o nome de Gal. Carlos Cavalcanti em homenagem a um ilustre militar que foi governador.

O prédio de número 1174 dessa avenida é o mais antigo do bairro, foi construído por volta do ano 1900. Existia um recalque de água, onde se encontra atualmente o Módulo Policial. Esta água vinha do Botuquara, ganhava pressão e ia para o centro.

Alguns anos mais tarde, este recalque foi demolido pelo prefeito Plauto Miró Guimarães.

O Vendaval

Em 1935, houve uma tragédia no bairro de Uvaranas. Foi um vendaval tão forte que chegou a arrancar árvores, destruiu casas e telhados, amedrontou as pessoas que assistiam ao vendaval.

Famílias ficaram desabrigadas e abaladas com o ocorrido.

O Bananal

De propriedade de Armando Lirani, o bananal na Av. Carlos Cavalcanti serviu de abrigo durante muitos anos a pessoas desocupadas e mal intencionadas que lá encontravam refúgio.

As rixas eram decididas no bananal, na base do tiroteio. Por estar sendo ameaça para pessoas que por ali passavam, o bananal foi destruído. Localizava-se em frente ao atual Supermercado Tuma.

O cavalo e os cachorros

Em 1940, havia no bairro de Uvaranas, uma Olaria, situada na Av. Carlos Cavalcanti, onde fabricavam tijolos.

Na olaria existia uma roda para amassar o barro. Era uma roda grande, movida por um cavalo.

O interessante é que o cavalo era vigiado por quatro cachorros que latiam quando ele parava de trabalhar. E assim,o pobre animal trabalhava horas a fio.

A Igrejinha

Igrejinha é o nome carinhoso dado à Igreja Imaculada Conceição pelo povo de Uvaranas.

A Igrejinha foi construida com a ajuda dos fiéis. Era de madeira, simples e pequena.

Dª Ana Rita doou o terreno e a imagem de N. S. Imaculada Conceição. Daí o nome de Igreja Imaculada Conceição.

O primeiro casamento realizado foi de Bento Ferreira de Andrade e Henriqueta Nadal de Andrade, antigos moradores do bairro.

A missa era rezada em latim. O padre, segundo o ritual antigo, rezava de frente para o altar, de costas para os fiéis que acompanhavam rezando o terço, pois não entendiam latim. O padre só olhava para os fiéis na hora do sermão, da consagração e na despedida.

O primeiro padre, depois da Igreja elevada à categoria de Paróquia foi o frei Carlos, que morava com a família do sargento Bento Ferreira de Andrade.

Antes de ser paróquia, os padres da congregação Verbo Divino rezavam missas aos domingos e iam tomar café na casa de João Nadal.

Para entrar na igreja, as mulheres deviam estar de saias ou vestidos de mangas compridas; para as mulheres casadas exigia-se véu preto e para as moças, véu branco.

Todos deviam confessar-se antes de tomar a Santa Comunhão.

Os batizados só eram realizados se os padrinhos fossem casados

no civil e religioso: irmãos, noivos, não podiam ser padrinhos.

Na primeira comunhão, as meninas usavam vestido branco longo, flores do campo na cabeça. Os meninos vestiam-se de terno e camisa branca.

Todos os moradores de Uvaranas freqüentavam a IGREJINHA.

Padres Capuchinhos

Os padres capuchinhos pertencem à Ordem Franciscana, fundada por São Francisco de Assis.

Vindos da Europa, principalmente da Itália, chegaram no começo deste século. Aqui se adaptaram, pois encontraram muitas coisas em comum com a nossa gente.

Foram recebidos por fiéis que lutaram juntos na construção das igrejas e na participação ativa em atividades promovidas pelos padres.

Abrigo

Local que recebia meninos com problemas. A idade mínima para ingresso era sete anos. Eles estudavam, moravam e trabalhavam no próprio local. Usavam uniforme azul para o trabalho e uniforme amarelado para passeio.

Os alunos trabalhavam na agricultura, pecuária e leiteria.

Uma professora ministrava aulas, de 1ª a 4ª séries. Um veterinário e um enfermeiro para orientações específicas.

Os alunos poderiam receber visitas bem como passar as férias em casa de pais, parentes ou amigos.

CAPELINHA DE SÃO SEBASTIÃO

A devoção a São Sebastião era feita na Capelinha, idealizada pelo antigo morador do bairro, Armando Português. No dia de São Sebastião, os devotos saíam em procissão na Carlos Cavalcanti, contornavam pela rua Conselheiro Barradas e retornavam. A procissão era puxada por dois capelães negros que iam rezando a ladainha assim:

Regina é uma Patrionária.

E o povo respondia.

— Ora pro nobis.

Muitos dos que puxavam a ladainha, pretendiam, seguindo as regras da Igreja Católica da época, que os ritos fossem falados em latim, mas como o povo e mesmo os puxadores não conheciam a língua, deturpavam as palavras.

Agnus Dei que toles pecati mundi.

Água nos deu que atola o pecado do mundo.

Na frente da procissão iam pessoas soltando foguetes e o povo cantando:

Ave, ave, ave Maria.

Ave, ave, ave Maria.

Voltavam com a capelinha e rezavam a novena a São Sebastião e depois em homenagem, festejavam com churrascada, barraquinhas e leilão. Assim, o povo rezava e se divertia em Uvaranas.

DITOS POPULARES SOBRE O BAIRRO

" Uvaranas é um estado de espírito ", frase atribuída ao Professor Daniel Albach Tavares, exemplo de " bairrismo " construtivo e de amor às coisas nossas,
assim como ele outros moradores do bairro têm dado sua contribuição e enriquecido o número de frases célebres dentro da literatura popular, enaltecendo as qualidades deste pedaço da Princesa dos Campos. Ouvimos sempre:

" O sol nasce em Uvaranas "
" Uvaranas só dá gente boa "
" O campo de aviação fica em Uvaranas "
" Uvaranas é a maior invernada de Ponta Grossa "
" Uvaranas é o berço da civilização "
" Uvaranas é o único bairro que tem "prefeito "
" Se levantarmos um muro a cidade fica no escuro "
" Quem não nasceu em Uvaranas, tem que pedir autorização para entrar "

A PRIMEIRA ESCOLA

A Escola Centenário, de madeira, pequena, possuia instalações modestas, na qual trabalhava a professora Tália Miranda Bittencourt.

Nesta escola, as classes eram multisseriadas, isto é, os alunos estudavam numa mesma sala, de 1ª a 3ª séries.

A escola era freqüentada pelos moradores locais. Localizava-se onde hoje é o CEPABOJE da Igreja Bom Jesus.

Nesta escola trabalharam também as professoras Maria Farias Branco, Leonor e Cacilda.

LOCALIZAÇÃO

De acordo com o Decreto nº 322/84 de 17 de Dezembro de 1984, foi aprovada a Divisão da Cidade de Ponta Grossa em quatorze bairros.

Os bairros foram denominados: Bairro Jardim Carvalho, Bairro dos Neves, Bairro de Uvaranas, Bairro dos Órfans, Bairro Boa Bista, Bairro da Chapada, Bairro do Contorno, Bairro da Ronda, Bairro Estrela, Bairro de Olarias, Bairro de Oficinas, Bairro Colônia Dona Luiza.

Uvaranas

Este bairro é composto pelas seguintes vilas: Marina, Claudionora, Vila Dal Col, Vila Vicentina, Vila Joquei Clube, Jardim Paraíso, Vila São Francisco, Vila Rubini, Santa Rita e outras.

É um bairro misto, possuindo residências, comércio e indústrias.

Limites do bairro de Uvaranas:

Centro:

Começa na Rua Catão Monclaro, a partir do Arroio Pilão de Pedra, até a Rua Conselheiro Barradas até o início da Rua Ermelino de Leão.

Olarias:

Começando na Rua Ermelino de Leão, desce pelo Arroio até o corredor de acesso, segue pelo corredor de acesso até a ponte da Rua Califórnia, segue pelo corredor de acesso até a Rua Siqueira Campos.

Sede do Município e Bairros de Ponta Grossa

Carã-Carã:

Inicia-se na Rua Siqueira Campos, contornando a Fundação — Vila Vicentina, saindo pelo corredor até a Rua Elio Elvio Chaves, saindo pela Rua "H" e contorna por linha seca o Núcleo David Federmann, segue pela Rua Euzébio de Queiroz até a Estrada Fazenda Modelo, até o arroio fechando o perímetro urbano.

Jardim Carvalho:

Começa na Rua Catão Monclaro, segue pelo arroio Pilão de Pedra até a Rua Dom Bosco.

Neves:

Divisa por Arroio, desce pelo Arroio Pilão de Pedra até a estrada de Ferro da R.F.F.S.A., seguindo até o Rio Verde.

Uvaranas:

Até o final do lado leste com o limite do perímetro urbano.

MAPA DE UVARANAS

ENTIDADES

O Pátio Ferroviário

Em 11 de novembro de 1975, foi inaugurada a ligação de Uvaranas pelo Tronco Sul (FEPASA) e Central do Paraná com ligação para Apucarana, com a presença do Presidente da República Ernesto Geisel e outras autoridades.

O pátio de Uvaranas comporta 800 vagões, possui 2 quilômetros de extensão e é o maior entroncamento ferroviário do sul do país.

Liga-se com Apucarana, Curitiba, Guarapuava, Jaguariaíva e Nova Itapeva. Além de um dos mais modernos sistemas de iluminação em seu pátio, possui oficina de reparos de vagões e oficina de reparação de locomotiva, e um escritório do pessoal de trens que viajam. Também a sede da 14ª residência está localizada neste bairro.

Em 1982 foi ampliado o número existentes de linhas – 5 mil metros de novas linhas foram inauguradas, permitindo melhor agilização na operação necessária.

13º BIB

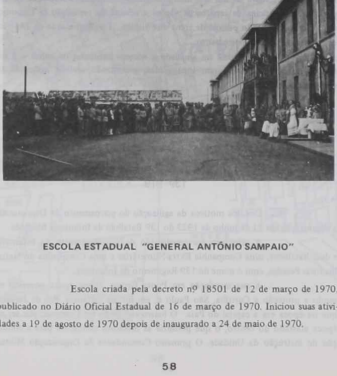
Um dos motivos da agilização do povoamento de Uvaranas foi a organização em 21 de junho de 1923 do 13º Batalhão de Infantaria Blindada.

A princípio era constituído de um Regimento de Infantaria e dois batalhões, uma Companhia Extra-Numerárias e uma Companhia de Metralhadoras Pesadas, com o nome de 13º Regimento de Infantaria.

A sua instalação em Ponta Grossa, talvez tenha ocorrido visando a proteção a Curitiba, São Paulo e, em última instância, Rio de Janeiro, que na época era a capital do País. O bairro escolhido foi Uvaranas, por ser na época afastado do centro, o que permitia as melhores condições para a condução de instrução da Unidade. O primeiro Comandante da Organização Militar,

foi o Major Beltrão Castelo Branco, e o atual é o Tenente Coronel Walmensi Paulo da Silva e Souza, e que no dia 25 de janeiro de 1985 passou o comando para o Tenente Coronel Cley de Mattos Rodrigues.

O 13º Batalhão de Infantaria Blindada integra a 5ª Brigada de Infantaria Blindada.



ESCOLA ESTADUAL "GENERAL ANTÔNIO SAMPAIO"

Escola criada pela decreto nº 18501 de 12 de março de 1970, publicado no Diário Oficial Estadual de 16 de março de 1970. Iniciou suas atividades a 1º de agosto de 1970 depois de inaugurado a 24 de maio de 1970.

ESCOLA ESTADUAL VILA 31 DE MARÇO – ENSINO DE 1º GRAU

Situada à Rua Transversal da Almirante Barroso.

No início, a escola funcionava em dois barracões velhos, cujas condições eram precárias, tendo como diretora a Senhora Elza Eleutério Zardo.

O prédio atual foi inaugurado em 15 de setembro de 1971.

ESCOLA PREFEITO ERNESTO GUIMARÃES VILELA

Está situada no Jardim Paraíso, no bairro de Uvaranas, à rua Décio Vergani nº 568. A Escola foi construída em 1971 na gestão do Prefeito Cyro Martins, constando de uma sala de aula e pequena cozinha.

ESCOLA DR. LEOPOLDO PINTO ROSAS – ENSINO DE 1º GRAU

A referida Escola está situada à Rua Rodrigo Silva s/n., na Vila Jóquei Club, no Bairro de Uvaranas, numa zona residencial ferroviária, próxima ao Frigorífico Wilson do Brasil.

A Escola é subordinada à Secretaria Municipal de Educação e Cultura; seu decreto de fundação é de número 14/81 de 23 de janeiro de 1981 do Governo Luis Carlos Zuk.

ESCOLA PROFª DÉRCIA DO CARMO NOVISKI – ENSINO DE 1º GRAU

A Escola está situada à Rua Miguel Dròpa nº 183, Parque Tarobá, sendo construída e inaugurada na gestão do Prefeito Municipal Luis Carlos Zuk, em 1977, com o nome de Escola Municipal Profª Dércia do Carmo Noviski.

O Prefeito Luis Carlos Zuk, usando de suas atribuições legais, tendo em vista o artigo 2º da Lei Municipal nº 3309 de 9 de dezembro de 1980, transferiu-se a escola para o patrimônio da Fundação Educacional de Ponta Grossa – FUNEPO, pelo Decreto nº 14/81, passando a Escola a denominar-se Escola Professora Dércia do Carmo Noviski - Ensino de 1º Grau.

ESCOLA "PREFEITO PROFESSOR HEITOR DITZEL

Foi inaugurada no dia 11 de setembro de 1978, no Núcleo Habitacional da Vila Dal Col, a qual já funcionava desde 1975 no Parque de Exposição Augusto Ribas com o nome de Escola Municipal Anexa ao Colégio Agrícola.

No dia 25 de março de 1981, foi inaugurada no mesmo local a Escola Prefeito Professor Heitôr Ditzel – Ensino de 1º Grau.

ESCOLA ESTADUAL "GENERAL OSÓRIO"

O prédio onde funciona a Escola Estadual General Osório foi doado ao Estado em 1938, na gestão do Prefeito Albari Guimarães, translado em pagamento de uma dívida do Município ao Governo, sendo nessa época Governador o Sr. Manoel Ribas. Essa translação deu-se em 28 de julho de 1942.

Pelo Decreto 7457/29 de março de 1962, publicado no Diário Oficial nº 24, de 30 de março de 1962, ficou criado oficialmente o Grupo Escolar General Osório.

ESCOLA DOM BOSCO

Obra recebida pelo Bispo onde seria o Colégio Josefino. Salesianos de Dom Bosco pegam a obra em 1966, passando a chamar-se Instituto Assistencial São José, entregue pelo Bispo Dom Geraldo Pellanda, obra terminada pelos salesianos onde funcionava uma Escola primária.

Em 1973 começou a funcionar o Seminário Salesiano e 2º Grau, com a afluência de seminaristas provenientes de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e de vários pontos do Paraná.

No dia 25 de maio de 1975, foi inaugurado o Centro Juvenil "Domingos Sávio", que funciona no pátio do Seminário aos domingos, no período da tarde, durante 4 horas acolhe crianças, adolescentes e adultos de ambos os sexos.

A obra é conhecida como Colégio Padre Tobias, porque foi ele quem deu início aos trabalhos em nome dos salesianos.

ESCOLA ESTADUAL VILA VICENTINA

Funcionava como Escola Isolada desde 1950, numa das dependências da sede da Vila Vicentina, à Rua Siqueira Campos nº 1853, no governo do Exmo. Sr. Moisés Lupion, tendo Célia Cruz como 1ª professora.

A 7 de outubro de 1958, pelo Decreto nº 19.809, expedido pelo Governador Sr. Moisés Lupion, o Estabelecimento passou a categoria de Grupo Escolar.

Em março de 1983, pela Resolução 611/83, passou a chamar-se Escola Estadual Vila Vicentina – Ensino de 1º Grau, fazendo parte do Complexo Escolar Tuiuti.

COLÉGIO AGRÍCOLA ESTADUAL "AUGUSTO RIBAS" – ENSINO DE 2º GRAU

Situado à Alameda Nabuco de Araújo, Bairro de Uvaranas; inicialmente o Colégio pertencia à rede de Escolas de Trabalhadores Rurais, foi fundada pelo então governador do Estado do Paraná, Manoel Ribas, que no ano de 1935 procurava resolver um problema de Assistência Social, encaminhando órfãos e oriundos de famílias de poucos recursos.

Era seu objetivo proporcionar às crianças e adolescentes menos favorecidos uma formação agrícola, que também ao mesmo tempo, seria fator de ajustamento destes jovens à sociedade.

O Colégio foi fundado em 1938.

Em 1960 (12 de janeiro), pelo Decreto 27.925, foi instalada a Escola Agrotécnica "Augusto Ribas" de Ponta Grossa, equivalente ao 2º Ciclo, com o Curso Técnico em Agricultura e Técnico em Zootecnia.

Pela Portaria 1049/62 de 6 de novembro de 1962, foi estabelecida nova estrutura da rede de Estabelecimentos subordinados ao DESTP, transformando as Escolas de Trabalhadores Rurais, em Colégio Agrícola (Decreto nº 31.657/60). Neste mesmo ano passou a Escola Agro-Técnica de Ponta Grossa denominar-se Colégio Agrícola Augusto Ribas de Ponta Grossa.

ESCOLA PROFISSIONAL "RAINHA DA PAZ"

Entidade Mantenedora: Associação Protetora da Infância – Província do Paraná.

A Revma. Superiora Geral das Irmãs Passionistas de São Paulo da Cruz, Madre Tomazina Costa Bontorin, em sua primeira visita ao Brasil, em 27 de novembro de 1962, acompanhada da Revma. Madre Constantina Simião, então Superiora Delegada da recém – instalada Delegação "Imaculado Coração de Maria" esteve no norte do Paraná, desejosa de expandir a Congregação em regiões tão pródigas, material e espiritualmente.

De regresso, a saber, no dia 8 de janeiro de 1963, visitou S. Excia. Revma. D. Geraldo M. Pellanda, Bispo Auxiliar da Diocese de Ponta Grossa. Na ocasião, interpretando o pensamento de S. Excia. Revma. D. Antonio Mazarotto, apresentou um terreno e propôs fundação de uma obra assistencial de reeducação de jovens, no estilo que a Congregação preferisse.

Em julho de 1963, S. Excia. Revma. D. Antonio Mazarotto fez à Congregação concessão "in perpétuo" do Terreno da quadra 22 Bairro de Uvaranas.

A Escola Profissional Rainha da Paz foi registrada legalmente na Secretaria de Educação e Cultura, na Divisão do Ensino Municipal Particular, em 25 de setembro de 1967, sob o nº 891.

A Entidade passou a possuir personalidade jurídica na data de seu Registro no Cartório do 1º Ofício de Registro de Pessoas Jurídicas em 11 de novembro sob o nº 1963.

Em 5 de março de 1968, a Escola Profissional Rainha da Paz foi considerada pela Câmara Municipal e decretada pelo Sr. Prefeito Dr. Plauto Miró Guimarães, a Lei de Utilidade Pública, sob o nº 2000 em Ponta Grossa.

CRECHE LAR FELIZ

Tendo em vista a necessidade de uma Entidade Assistencial no Bairro de Uvaranas, propriamente nos arredores da Vila Vicentina, as senhoras de militares resolveram fundar a Creche Lar Feliz. Onde se localiza as instalações da Obra Social, era antigamente uma Escola Pública Municipal, como a mesma estava sem uso ao público, o prefeito na gestão, na época o Dr. Amadeu Puppi, emprestou o prédio.

A fundação deu-se no dia 4 de novembro de 1976.

Atualmente, sua gerência é da responsabilidade da Paróquia do Senhor Bom Jesus.

FAZENDA MODELO

A Fazenda Modelo foi criada em 1912, cujo objetivo primeiro era fomento à produção animal.

Em 1932 foi instituída a Inspetoria Regional de Fomento Animal e faziam parte desse o Posto de criação de Palmas e Posto de Criação de Lages (S.C.).

Em 1933 teve início uma nova administração com a chegada de Técnicos Belgas, como Charles Coureur, o quel teve como seu secretário nessa fazenda João Ricardo Von Borell du Vernay.

De 1969 a 1974 – Departamento Nacional Pesquisa e Experimentação Agropecuária.

Os criadores de suínos de todo o sul do Brasil foram beneficiados com compra de matrizes e reprodutores da Fazenda Modelo.

Atualmente da Fazenda Modeo passou para a Fuandação Instituto Agronômico do Paraná; a principal atividade: Pesquisa em Produção Animal.

Programa Bovinos do IAPAR; Programa de sementes Básicas; Área de Forrageiras.

Na Fazenda existe uma capela de madeira, frente de alvenaria, construída com recursos advindos de contribuição espontânea dos fiéis funcionários da Fazenda, construída mediante autorização do Sr. Ministro da Agricultura e assistida por religiosos salezianos da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima. Na sede existe um telefone original de mais ou menos 60 anos de madeira, à manivela, veio da Suécia.

O governo do Estado requereu a cessão de 125 ha – destinados a construir um patrimônio para o Colégio Agrícola Augusto Ribas, exigência feita pela Diretoria de Ensino Agrícola para o Colégio ser reconhecido.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANCO DO BRASIL

A Associação Atlética Banco do Brasil está situada na Rua: Euzébio de Queiróz, s/n e foi fundada no dia 15 de setembro de 1959, com o objetivo exclusivo de proporcionar lazer para os funcionários. Faz promoções esportivas, sociais e colônia de féria para os filhos dos associados. O primeiro presidente da associação foi o Sr. Darci Machado Blanske; a Associação é mais uma entidade a serviço da Princesa dos Campos, localizada no Bairro de Uvaranas.

CAMPUS DA UNIVERSIDADE

Organiza-se a Universidade Estadual de Ponta Grossa no sentido de evoluir harmonicamente interna e externamente. É bem verdade que a realidade sócio-cultural está a exigir da instituição desenvolvimento progressivo.

Por isso mesmo, o planejamento da edificação do Campus é um dos aspectos relevantes visto que o crescimento dos recursos físicos procura identificar-se com as necessidades quantitativas e qualitativas institucionais.

O aspecto social, irmanado com o esforço da realimentação universitária, é um dos pontos inerentes à idéia de construção do Campus. Nesse contexto ocorreu o desfavelamento da Vila Rubini, acomodada em terreno do Campus. No entanto, tal trabalho desenvolveu-se em plena harmonia com as características sócio-culturais dos favelados.

Na verdade, o Campus em Uvaranas ainda se encontra em plena fase de construção.

Assim sendo, possui o Campus 4.057 m^2 de área construída, compreendendo, além da Prefeitura do Campus, fábrica de artefatos de concreto, quadras polivalentes com vestiários, pista de atletismo com vestiários, Centro de Treinamento de Natação, com piscina semi-olímpica moderna, bloco didático e casa de vegetação.

Em plena fase de construção encontra-se a Casa do Estudante Universitário alas masculina e feminina, que vem atender a uma necessidade premente de acadêmicos de nossa instituição.

Além do mais, a fazenda Capão da Onça, próxima ao terreno do Campus, está sendo viabilizada tecnicamente para agasalhar as funções de ensino, pesquisa e extensão da Universidade. Encontra-se al edificado um silo-secador "modelo" para grãos, e, "solo-cimento", sala de ordenha, aviário, pocilga, cunicultura e bovinocultura.

Dessa forma, o crescimento da Universidade vem ocorrendo sem saltos comprometedores, de forma paulatina, serena. Tem-se como compromisso o estabelecimento da identidade entre quantidade e qualidade, em que as necessidades são atendidas a partir da diagnosticação sócio-cultural regional.

UNIÃO CAMPO ALEGRE ESPORTE CLUBE

O União Campo Alegre Esporte Clube, o popular UCA, é um dos Clubes mais antigos de Ponta Grossa.

Sua história: Em 1915 existia em Ponta Grossa a Banda de Música União e Recreio, fundada por um grupo de músicos, alguns desses músicos gostavam de jogar futebol, até então esporte de elite.

São considerados sócios-fundadores do União e Recreio todos os membros da Banda Musical, entre os quais Joaquim de Andrade, Francisco Reich, Pedro de Andrade, Pedro de Quadros, Lúcio Alves da Silva, Euclides Alves da Silva, João Alves da Silva, Artur Sucrow, João de Souza, Joaquim da Rocha e outros. Foi escolhido para primeiro presidente Teodorico Pereira Martins e primeiro secretário José Marcos Nascimento, sendo este último responsável pelo jornalzinho do Clube – o Kick.

Oswaldo Wiecheteck, segundo presidente do União e Recreio, alugou uma área de terreno na Vila Ana Rita, situado em frente à rua Conselheiro Barradas, pertencente à Dona Ana Rita Guimarães Ribas, construindo ali o novo campo do União.

Em 1922 o União e Recreio e o time do Campo Alegre, resolveram fazer uma fusão, surgindo definitivamente o União Campo Alegre Esporte Clube. As cores do Clube são: azul, vermelho e branco, cores da Banda União e Recreio. Na gestão de Nelson Thurmann Willy foi feita a aquisição do imóvel pertencente a João Evangelista do Vale, na Vila Marumbi, no dia 11 de janeiro de 1960.

O União sonha e planeja construir futuramente, além de seu campo de futebol, parque aquático, ginásio de esportes e outras modalidades esportivas.

"CORAL SANTA CECÍLIA"

Iniciado em 1930, para abrilhantar as missas na Igreja da Imaculada Conceição, era seu regente o Sr. Agenor Veiga, maestro da Banda do 13º Regimento de Infantaria, substituído em 1935 por José Coutinho de Almeida. Em 1937, assumiu a regência, o tenente Paulino Martins Alves, em 1940 Antonio Ghierra, a seguir Afonso Elzer, seguido por Frei Clemente (seu pianista foi o Sr. Emílio Voigt).

Após Frei Clemente, assumiu a batuta do Coral, o Frei Jacinto Bernardo Govaski, músico e compositor de grandes dimensões. Entre suas obras destacam-se: Missa a quatro vozes "Divina Pastora", "Rainha Assunta ao Céu" e "Maria mãe da Igreja", "O Canto das Criaturas de São Francisco de Assis", a quatro e oito vozes mistas (coral duplo), "O Trânsito de S. Francisco. Suas músicas são parte viva do repertório do Coral.

Ao lado do regente Frei Jacinto estava o organista e pianista Frederico Germano de Geus, grande estusiasta da boa música.

Em 1975, tendo o Frei Jacinto sido transferido, em suas funções sacerdotais, para Santo Antonio da Platina, assumiu a regência do Coral Frederico Germano de Geus.

Com o atual maestro, o Coral tem-se apresentado dentro e fora da cidade, em vários eventos dos quais destacamos, por ocasião do 157º aniversário da cidade em conjunto com a Orquestra Sinfônica de Ponta Grossa.

Representou nossa cidade, ultrapassando as fronteiras do Estado, em Florianópolis, Santa Catarina, nos festejos comemorativos dos 25 anos de ordenação sacerdotal de seu ex-regente Frei Jacinto, na Paróquia da Trindade.

Apresentou-se diversas vezes em conjunto com a Orquestra Sinfônica e com a Banda do 13º BIB. O Coral participou de missas televisionadas nos Canais 12 e 4 de Curitiba; de encontros de Corais na Universidade Estadual de Ponta Grossa, inclusive cantando em conjunto com o Coral da UEPG, regido pelo professor Gabriel de Paula Machado, irmão da organista e pianista do Coral Santa Cecília, a renomada professora Ana Machado Gonçalves.

Com o Coral da UEPG e o Coral da Igreja de N.S. do Rosário, o Coral Santa Cecília cantou a missa da sagração episcopal de Dom Getúlio. Com

o Coral Madrigal Pró-Arte de Curitiba e nossa Orquestra Sinfônica, apresentou um recital em forma de concerto de trechos do Oratório "O Messias" de Haendel encerrando a temporada de 1981. Participou do 100º concerto da Orquestra Sinfônica de Ponta Grossa em conjunto com o Madrigal Pró-Arte de Curitiba regido pelo maestro Aldo Ademar Hasse com a ópera "La Traviata" de Giuseppe Verdi, que homenageou o Exmo. Embaixador do Kuwait Ali Zakaria Al-Ansari com o tombamento a bem da cultura pontagrossense do então Teatro Pax.

O Coral Santa Cecília também foi credenciado pela Fundação Nacional da Arte – Instituto Nacional de Música – promovido pela MEC e Fundação Universidade Estadual de Ponta Grossa através do seu Centro de Criatividade, em 19 de setembro de 1982, com um Concerto Didático.

O Coral tem colaborado na promoção que a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Ponta Grossa organiza para os finais de ano, percorrendo os bairros da cidade, onde se apresenta em Paróquias, divulgando o canto coral.

Em 1984 e em 1985, participou da Semana da Cultura Bruno e Maria Enei, promoção do Departamento da Cultura, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Ponta Grossa.

Recentemente representou o interior do Paraná e também Ponta Grossa no II Festival Internacional de Coros Brasil/85.

SÚMULA

Início : 1930

Regentes: – Agenor Veiga, José Coutinho de Almeida, Paulino Martins Alves, Antonio Ghierra, Afonso Elzer, Frei Clemente, Frei Jacinto Bernardo Govaski, Frederico Germano de Geus

Área de atuação: – Paraná e Santa Catarina (apresentações)

ENTIDADES ASSISTENCIAIS

O Lar das Vovózinhas Balbina Branco, departamento da Sociedade Espírita Francisco de Assis nasceu do idealismo e sentimento cristão de Álvaro Holzmann, grande trabalhador da assistência social. Foi inaugurado no dia 7 de janeiro de 1966.

Outra entidade filantrópica localizada no bairro de Uvaranas é a Aldeia da Criança "Dr. David Federmann", que nasceu para preencher uma lacuna existente na assistência à criança órfã ou abandonada, está filiada ao Instituto Educacional Duque de Caxias.

A Rua Brasília, 86 – Vila Marina – Bairro de Uvaranas, localiza-se o Quartel Juvenil "Paulo de Tarso", cujo nome jurídico é Núcleo de Ponta Grossa da Cruzada dos Militares Espíritas. Sua finalidade é assistência ao menor carente; foi fundado em 11 de dezembro de 1971.

"Pelos anos de 1947, no dia 27 de junho, um grupo de Vicentinos, o mesmo que fundara, anos antes, o Asilo São Vicente de Paulo da S.S.V.P. idealizava um projeto bastante audacioso, pelo seu porte e por sua complexidade. Este projeto era um local onde pudessem ser abrigadas famílias carentes , assim como anciãos que não tivessem para onde ir. O Asilo da Vila Vicentina, com o patrimônio incorporado à Sociedade São Vicente de Paulo, como o co-irmão, o asilo, e assim ficou denominada.

Com o objetivo de dar assistência ao menor e promover cursos arrecadando verba para auxiliar na manutenção, foi inaugurada em setembro de 1972, a Associação de Apoio Promocional ao Núcleo Social de Ponta Grossa, a Rua Washington Luis, Vila 31 de Março.

A Creche do Asilo da Vila Vicentina foi inaugurada em março de 1983 devido às necessidades das crianças do Asilo. As crianças que frequentam a creche são todas das famílias que moram no Asilo.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA AUXILIADORA

A pedido de D. Geraldo Micheletto Pellanda, segundo Bispo de Ponta Grossa, os salesianos chegaram a Ponta Grossa, em 13 de abril de 1966, nas pessoas do Padre Tobias, então superior geral, e o leigo Dirceu.

Em 8 de dezembro de 1968, festa da Imaculada Conceição, houve 1ª Comunhão na Capela. O primeiro batizado foi realizado em 19 de maio de 1968, nome: Rita de Cássia Haup e o primeiro casamento a 24 de março: nomes Odival de Souza e Maria Lúcia Santos.

A Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora foi canonicamente criada em 17 de março de 1972.

MOSTEIRO PORTACELI (Porta do Céu)

A Ordem Contemplativa de Monjas de Clausura, teve início em 1484 na cidade de Toledo, na Espanha. Fundada por Santa Beatriz da Silva, dama portuguesa, contemporânea de Cristóvão Colombo, protegida também pela rainha Isabel, a Católica, que patrocinou a fundação junto à Santa Sé.

O mosteiro das Irmãs veio para Ponta Grossa em 1965; instalaram-se num terreno emprestado na Vila Vicentina, as Irmãs permaneceram no convento provisório durante 9 anos.

Em 1972 iniciou a construção do mosteiro atual, sendo ajudadas com donativos recebidos da Alemanha. Mesmo sem terminar a construção, as Irmãs, no dia 7 de agosto de 1974, mudaram-se definitivamente.

Somente em 1983 é que o Portaceli ficou terminado. O mosteiro teve como 1ª Superiora a Irmã Beatriz do Espírito Santo, que permaneceu no cargo durante 12 anos.

SEMINÁRIO DIOCESANO SÃO JOSÉ

Em 1948(julho) começou a construção do Seminário e em outubro de 1955 começou a funcionar.

O primeiro diretor do Seminário foi o Padre Carlos Zelesny.

O objetivo do Seminário é ajudar o Bispo na sua missão, formando sacerdotes seculares.

IGREJA IMACULADA CONCEIÇÃO

Em 1924, reuniram-se diversos moradores do Bairro de Uvaranas com o objetivo de fundar uma capela em honra à Imaculada Conceição. Entre esses fundadores encontravam-se diversas pessoas de origem italiana que se achavam radicados entre nós e faziam parte dos habitantes desta cidade, cujo trabalho e cooperação foi decisivo para a pronta execução das obras da primitiva Capela que era inteiramente de madeira.

O terreno foi doado pela senhora D. Ana Rita Ribas Guimarães.

Além da área do terreno para a construção da capela, doou também uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Em 19 de outubro de 1927, foi a Capela benta, por ordem de sua Excia Reverendíssima D. João Carvalho Braga, então Bispo da Diocese de Curitiba; a solenidade foi presidida pelo Reverendíssimo Padre Martinho Weber, da S.V.D. Vigário da Paróquia (Catedral).

Em 1929 – em virtude ao aumento progressivo da população do bairro, foi dado início a construção de um novo templo, desta vez de "material", tomando parte ativa na construção, os mesmos senhores que iniciaram e construiram a Capela "Primitiva".

Em 29 de maio de 1955, pelo Decreto 28, a Capela Imaculada Conceição foi elevada à categoria de Paróquia pelo então Bispo D. Antonio Mazzarotto, Bispo de Ponta Grossa.

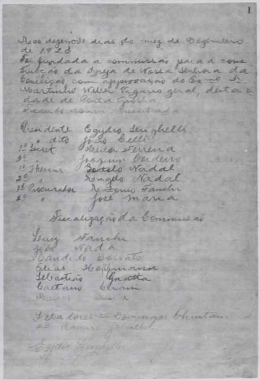
Foram consultados os diocesanos e os párocos aos quais interessava o Decreto.

Ao término da nova Paróquia foram dados os seguintes limites: partindo do ponto da rodovia em que termina a Paróquia de "Castro", segue essa rodovia até chegar ao rio Pitangui; sobe por esse rio até fazer barra com o Rio Verde; acompanha esse rio até o arroio do Matadouro; segue o arroio até o ponto mais próximo da Rua 12 de outubro.

Dirige-se por essa rua até a ferrovia e vai acompanhando até o ponto mais próximo da rua Joaquim Nabuco, dirige-se por essa rua e a segue até dar num ribeiro e o acompanha em toda a sua extensão até chegar ao regato da Olaria que o segue até o rio Cará Cará, daí vai por esse rio até a sua foz no rio Tibagi; desse ponto em diante segue a linha divisória da Diocese com Arquidiocese de Curitiba e com a Paróquia de Castro, até chegar ao ponto de início.

Todas as ruas e travessas atingidas pela linha divisória são de ambos os lados da nova Paróquia.

ATA DA FUNDAÇÃO DA COMISSÃO
PRÓ-CONSTRUÇÃO DA IGREJINHA
19-12-1926



1

Aos dezenove dias do mez de Dezembro de 1926
Foi fundada a commissão para a construção da Igreja de Nossa Senhora da Conceição com approvação do Exmo Sr. Martinho Weber Vigario geral, desta cidade de Ponta Grossa.
Ficando assim constituida

Presidente Egydio Serighelli
" dito João Celli
1º Secret Heitor Ferreira
2º " Joaquim Cordeiro
1º Thesour Bartolo Nadal
2º " Angelo Nadal
1º Procurador Antonio Fanchi
2º " José Maria

Fiscalização da Commissão

Luiz Fanchi
João Nada
Candido Dorsato
Elias Hoffmann
Sebastião Gnatta
Caetano Cirani
[illegible]

Celadores e Domingos Christam
[illegible]

Egydio Serighelli

PARÓQUIA DO SENHOR BOM JESUS

No dia 3 de agosto de 1954 foi nomeada uma comissão para construção de uma Capela na rua Teixeira Mendes no terreno dos freis Capuchinhos, em frente à praça Ubaldino do Amaral – Praça Bom Jesus.

No dia 14 de fevereiro de 1965, D. Antonio Mazzarotto vem realizar a bênção solene da nova Igreja. A fita simbólica foi desatada pela então menina Cecília Swiech.

No dia 6 de fevereiro de 1966 a Igreja do Bom Jesus de Uvaranas foi elevada a condição de Paróquia por D. Geraldo Pellanda, DD Bispo Diocesano que oficiou a missa de instalação, nomeando o Frei Constantino como primeiro vigário.

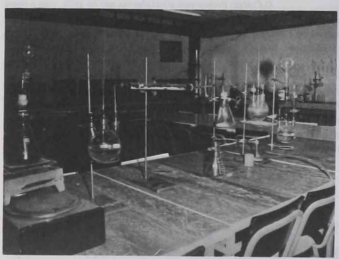
RESUMO HISTÓRICO E DADOS ATUAIS SOBRE O COLÉGIO BORELL DU VERNAY

O COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR JOÃO RICARDO VON BORELL DU VERNAY, ENSINO DE 1º E 2º GRAUS, CONTA A SUA HISTÓRIA.

O Colégio iniciou suas atividades no ano de 1978, com o nome de Colégio Polivalente (Unidade Polo II) pelo Parecer nº 076/78 do Conselho Estadual de Educação, Processo 013/78, que aprovou a Implantação de quatro (4) Habilitações Básicas: Agro-Pecuária, Mecânica, Administração e Química.

O Colégio tornou-se uma realidade, com todos os recursos físicos, materiais e humanos necessários, graças ao Planejamento Educacional Integrado-União, Estado, Município – tendo a Coordenação Geral do PREMEN - Programa de Expansão e Melhoria do Ensino. A Implantação do Projeto Premen exigiu o desenvolvimento de Nova Concepção de Prédio Escolar, no intuito de adequá-lo às novas funções, bem distintas daquelas da Escola Tradicional.

As tendências pedagógicas atuais estão voltadas para um ensino mais ativo com o uso intensivo de recursos, de objetivações, de laboratórios, de salas ambientes e especialmente da biblioteca, exigindo assim, a participação cada vez maior do Educando, além de implicar em uma relação mais estreita entre professor e aluno, exigiu-se que o Projeto Arquitetônico deste Colégio viesse atender a uma composição dos espaços diferentes do convencional, onde a sala de aula era o elemento dominante.



Para isso o Prédio deste Colégio, como os demais do Projeto PREMEN, supera, pois as limitações de áreas construídas para dar atendimento a um conjunto físico de espaços, áreas, volumes e equipamentos, para atender melhor todas as atividades desenvolvidas a que se propõe.

Deve ser capaz de acompanhar a dinâmica do Ensino e os objetivos de cada área ou setor pedagógico, sendo um elemento ativo e partipante da tarefa educacional e caracteriza-se pela:

– integração e continuidade entre os diversos conjuntos e setores, permitindo o seu perfeito funcionamento;

– flexibilidade e convertibilidade de cada espaço específico, permitindo a composição diversificada do mobiliário para trabalho individual ou de agrupamento, possibilitando sempre a livre movimentação de professores e alunos.

Pelo Decreto Governamental nº 5341 de 02/08/1978, publicado no Diário Oficial nº 2359 de 08/08/1978, foi criado nos Termos da Legislação vigente, o qual passou a denominar-se Colégio Prof. João Ricardo Von Borell Du Vernay, Ensino de 2º Grau, do Município de Ponta Grossa, mantido pelo Governo do Estado do Paraná. E, 1980 por determinação da Secretaria de Estado da Educação Departamento de Ensino de 1º Grau, passou a dar atendimento a alunos de 5ª a 8ª séries do 1º Grau, integrando assim o Complexo Tuiuti deste município. Em 1980, pela Resolução nº 2739/80, de 15/12/1980, publicado no Diário Oficial de 18/12/80, passou a fazer parte dos Estabelecimentos de Ensino de "médio porte".

Em 1981, pela Resolução nº 678/81 foi implantado os Cursos: Técnico em Química, Auxiliar de Laboratório de Análises Químicas e Magistério.

Em 1981, por determinação do Departamento de Ensino do 2º Grau, iniciou suas atividades na execução do "Projeto Centro de Excelência em Química".

Em 1982, através da Resolução nº 1434/82 do Exmo. Sr. Secretário de Estado da Educação – o Parecer nº 015/82, do Departamento de Ensino de 1º Grau, aprovou o Plano de Implantação da Lei 5692/71 – Ensino de 1º Grau, passando a denominar-se Colégio Estadual Prof. João Ricardo Von Borell Du Vernay – Ensino de 1º e 2º Graus.

Estiveram presentes às solenidades de inauguração representando o Exmo. Governador do Estado, o Dr. Guilherme de Lacerda Braga Sobrinho; Exmo. Sr. Sebastião José Ramos de Castro – Chefe de Estado Maior –

DD. Comandante da 5ª Infantaria Blindada; Reverendíssimo Bispo Diocesano Dom Geraldo Pellanda; Srta. Soeli Silva – DD. Inspetora Regional de Ensino; Exma. Sra. Alzira Borell Du Vernay – viúva do Patrono do Colégio; Ilmo. Sr. Dr. Élcio Borell Du Vernay e sua Exma. esposa Sra. Maria Celeste Borell Du Vernay; Maria José Bastos Martins – Supervisora da 6ª IRE, Dr. David Federmann e demais convidados.

O discurso inaugural foi proferido pela então Diretora – Professora Niredes Martins Chornobai.

A comunidade Estudantil pontagrossense ganha mais uma Escola.

Durante a gestão da Professora Niredes foi implantado o curso de Magistério, antigo anseio da Comunidade, "Sempre batalhou para a melhoria do Ensino, e acredita que a criança e o jovem é o ponto da ação do adulto"–segundo suas palavras.

No ano de 1983 foi eleita pelos professores e comunidade escolar, a professora Kazuko Inoue e designada pela resolução 2.870/83 para exercer a função de Diretora deste Colégio.

Acredita na força da união e considera que todo sucesso depende da participação de cada um dos membros envolvidos no processo educativo.

Valoriza, de modo especial, a ação comunitária e sua meta de direção pode ser resumida em: ESCOLA CENTRO DE INTEGRAÇÃO E PROMOÇÃO DA COMUNIDADE.

Dentro desta filosofia, o corpo docente e a equipe administrativa do Colégio unem suas forças às da Comunidade e desenvolveu vários projetos:

- Pesquisa da realidade sócio-econômico cultural do bairro de Uvaranas.
- Projeto horta Escolar e Comunitária.
- Campeonato Brasileiro de Atletismo.
- Escolinha de Esportes.
- Visitas Culturais.
- Curso Técnico em Química, realiza análises para diversas indústrias pontagrossenses.
- Curso de aperfeiçoamento no Centro Tecnológico do Paraná.
- Implantação do Curso Noturno – 5ª a 8ª séries.
- Cursos profissionalizantes de curta duração: Eletricidade, Artesanato.
- Integração Escola-Família. (Clube de Mães, Curso de Educação para o Amor e Escola de Pais).

Indicado para Diretor Auxiliar o Professor Nilton Sérgio Salles Rosa, que desde 1983 exerce com dedicação suas funções, batalhando em prol da Comunidade de Uvaranas.

PRIMEIROS ALUNOS MATRICULADOS EM NOSSO COLÉGIO E PRIMEIRA TURMA DE FORMANDOS

Curso Básico em Química –

Alceu Marques de Souza, Antonio Alves Vieira, Antonio Vilmar de Carvalho, Aramis Noviski, Celso Antonio Spinardi, Daniel Salamucha, Francisco Otávio Bobrovsky Franco, Guido de Almeida, Gilberto Albach, Gilmar Eleutério da Luz, José Adibe de Lara, José Geraldo Kraleski, José Marcos Kowalski, Josemar Manente de Oliveira, Luiz Carlos dos Santos, Mário Jorge Gans, Paulo César Galvão, Ricardo de Almeida, Ronaldo Ranthum, Sidnei Maceno dos Santos, Vinicius Antonio Martins, Vitor Hugo Latoski, Bernadete Krubnik, Cléia do Rocio Ferreira, Maria de Lima Costa, Marisete Favaro, Marlene Silva, Valdina Stychnicki.

Formandos em 1980: Alceu Marques de Souza, José Marcos Kowalski, Mário Jorge Gans, Ricardo de Almeida, Marisete Favaro, Valdina Stychnicki, e mais: Rubem Celso Nabozny, Nina Jaroszczuk, Selma Regina Motyl, Sonia Maria Fernandes, Soraya Gonçalves D'Col, que vieram transferidos.

Conforme atas de reuniões pedagógicas realizadas no ano de 1978, foram os primeiros professores do Colégio: Dulce Maria Cassilha Andrigueto, Nilton Sérgio Salles Rosa, Maria de Lurdes de Carvalho, Margareth de O. Silva, Kazuko Inoue, Lurdes B. Florenzano, Juraci Silva Viana, Ana Luzia Montes e secretária Anna Lizete Zadra Pacheco; funcionários: Izahi Campos de Oliveira, Nilza Eli Ferreira Noiman, Joana dos Santos, Maria S. Mazeika Vaz, Josefina Valentim, Albani de Barros Kovaleki, Araci Padilha, Amália de Santana Pedroso, Artur José Xavier. São eles os primeiros de uma grande obra; os iniciadores da transformação do chamado "Elefante Branco", num Colégio Centro de Excelência

PATRONO DO COLÉGIO

João Ricardo Von Borell Du Vernay, filho de Waldemar Von Borell Du Vernay, nasceu a 12 de outubro de 1907, no Rio de Janeiro. Fez seu curso de Humanidades no Colégio Diocesano de São José, no Rio Comprido, dirigido pelos Irmãos Maristas, com preparatórios no Colégio D. Pedro II. Realizou o curso de Agronomia no antigo Instituto Zootécnico, de Pinheiros, Estado do Rio, que serviu de núcleo à atual Universidade.

Foi aluno fundador da Faculdade de Filosofia do Paraná, no curso de Ciências Políticas e Sociais.

Posteriormente, fez curso de Administração Pública Superior na Fundação Getúlio Vargas. Fez curso de aperfeiçoamento e especialização no Magistério, de Didática Especial de Geografia, Administração Escolar, Formação Pedagógica, Pedagogia e Didática, Ensino audio-visual e vários seminários para inspetores.

Fundador de diversas entidades nesta cidade, entre as quais o Instituto Pontagrossense de Educação de Jovens, Lions Clube Centro, Lions Clube Vila Velha, Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, presidente da Liga Desportiva de Ponta Grossa, foi jornalista através do "Diário dos Campos", e "Correio do Paraná", em Curitiba, fundador dos jornais "Jornal do Paraná" e "Jornal da Manhã", gerente da Rádio Clube Pontagrossense e outras funções de colaborador em diversos órgãos de divulgação. Foi secretário da extinta Comissão de Estradas de Rodagem nº 1, que construiu a Rodovia Ponta Grossa-Foz do Iguaçu, Secretário da Prefeitura Municipal, membro do Conselho Estadual de Educação, Professor do Colégio Regente Feijó, Colégio Agrícola Augusto Ribas, Secretário da Faculdade de Filosofia de Ponta Grossa, representante da nossa cidade em diversos congressos municipalistas e exercia as funções de Chefe da 6ª Inspetoria Regional de Ensino, quando faleceu em 8 de dezembro de 1975.

Em Ponta Grossa, promoveu campanha para construção do Monumento a Duque de Caxias, sendo idealizador da construção de um Ginásio de Desportos, que leva seu nome como justa homenagem a um destacado batalhador das causas desportivas de nossa terra. Idealizador e criador dos festivais folclóricos de nossa terra, criou também os jogos mirins e Jogos Colegiais do Interior.

– Desportista emérito, João Ricardo Von Borell Du Vernay, tornou-se conhecido não apenas nesta cidade, mas também no Paraná e no Brasil.

Foi o grande condutor do basketball de Ponta Grossa nos tempos em que este projetou a Princesa dos Campos, como terceira força do País. Isto lhe valeu conquistas honrosas junto aos clubes guanabarinos, recebendo destes convites seguidos para acompanhar suas delegações em viagens ao exterior, como ocorreu com o Flamengo, como membro da Confederação Brasileira de Basketball, em campeonato Sul Americano, no Paraguai, sendo benemérito desta Entidade.

João Ricardo Von Borell Du Vernay, que recebeu troféus dos Clubes Tietê, Botafogo e da Federação Paranaense de Basketball, é nome inesquecível no desporto do Paraná.

Em 1970, mercê dos inumeros serviços prestados ao Exército Nacional, recebeu em expressiva solenidade a Medalha do Pacificador. Pela Lei Municipal 1.239, de 23 de novembro de 1960, tornou-se Cidadão Pontagrossense, título que honrou sobremaneira com um constante trabalho em favor da terra que o abrigou como digno filho.

MARIA JOSÉ BASTOS MARTINS

Maria José Bastos Martins, filha de Sebastião Bastos e Zeny Nadal Bastos, nasceu a 13 de agosto de 1949 em Ponta Grossa, no Bairro de Uvaranas, onde ainda hoje vive. Casada com o Eng.º Dr. Ciro Tadeu Martins, tem três filhos: Adriana, Susana e Vítor.

Fez seus primeiros estudos no Colégio Sant'Ana; Concluiu a Escola Normal no Instituto de Educação Prof. Cesar Prieto Martinez e os estudos superiores – Pedagogia: Habilitação em Supervisão Escolar e Orientação Educacional – na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Por muitos anos, foi professora na Esc. Est. "General Osório". Trabalhou na Inspetoria Estadual de Educação na função de Supervisora de Ensino e, atualmente, é Orientadora Educacional e professora da Área de Magistério no Colégio Estadual "Prof. João Ricardo Von Borell du Vernay" – Ensino de 1º e 2º Graus.

CIRLEI DE PAULA MILÉO

Cirlei de Paula Miléo, filha de Luiz Miléo e de Joaquina de Paula Miléo, nasceu em 15 de julho de 1937, na cidade de Curitiba, Paraná. Fez a Escola Primária no Grupo Escolar Prof. Leandro Manoel da Costa, em Piraí do Sul. Fez o Curso Ginasial no Colégio Jorge Queiróz Neto. Formou-se em Contabilidade na Academia de Comércio e Contabilidade, hoje SEPAM. Para realizar o seu grande sonho, cursou História na Universidade Estadual de Ponta Grossa, concluindo em 1971. Em 1980, passando para o Quadro Próprio do Magistério, passou a integrar o corpo Docente do Colégio Estadual "Prof. João Ricardo Von Borell du Vernay"– Ensino de 1º e 2º Graus.

MARIA LUÍZA DEL GRAGNANO STASIAK

Maria Luíza Del Gragnano Stasiak, filha de Luiz Del Gragnano e Maria Olivato Del Gragnano, nasceu a 14 de fevereiro de 1949, em Arapongas–PR. Cursou o Primário no Estado de São Paulo; Concluiu a Escola Normal no Instituto de Educação de Londrina e o Curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Iniciou sua carreira no Magistério no Colégio Londrinense, trabalhou na Esc. Est. Ângelo Sampaio. Transferida a Ponta Grossa, foi regente de classe na Esc. Est. Gal. Sampaio. Atualmente, exerce a função de Diretora na Escola Estadual "Vila Vicentina" e é professora da Área de Magistério no Colégio Estadual "Prof. João Ricardo Von Borell du Venay"- Ensino de 1º e 2º Graus. Casada com o Sr. Lúcio Stasiak. Tem dois filhos: Luciano e Adriana.

O objetivo principal foi atingido, os dados mais elementares sobre o bairro de Uvaranas, foram levantados e aqui descritos, mas a História continua, pois ela faz parte do próprio Homem.

Indústria Pontagrossense de Artes Gráficas Ltda.
Rua Comendador Miró 1.111 - Cx. Postal, 472
Fones: (0422) 24-1778 e 24-5278
84.100 - Ponta Grossa - Paraná